

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

CAROLINA DA SILVEIRA RITER

UM, DOIS, TRÊS:
SOBRE O ASPECTO TRINO DO SIGNIFICANTE

Porto Alegre

2024

CAROLINA DA SILVEIRA RITER

UM, DOIS, TRÊS:
SOBRE O ASPECTO TRINO DO SIGNIFICANTE

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª Dra. Luiza Milano

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Riter, Carolina
UM, DOIS, TRÊS: SOBRE O ASPECTO TRINO DO
SIGNIFICANTE / Carolina Riter. -- 2024.
95 f.
Orientadora: Luiza Ely Milano.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. signo linguístico. 2. significante. 3.
articulatório. 4. acústico. 5. representacional. I.
Ely Milano, Luiza, orient. II. Título.

Carolina da Silveira Riter

UM, DOIS, TRÊS:
SOBRE O ASPECTO TRINO DO SIGNIFICANTE

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem.

Porto Alegre, 12 de janeiro de 2024.

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

Aline Vargas Stawinski
Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA)

Daiane Neumann
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Felipe Bilharva da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

À Luiza Milano, por perceber o brilho nos meus olhos desde a primeira aula, por me inspirar enquanto fonoaudióloga e pesquisadora e por me encorajar a encontrar meu lugar. Obrigada por fazer parte dessa trajetória, sempre tão perto e de forma tão acolhedora.

Aos companheiros de pesquisa do *Rastro do Som* – Aline, Augusto, Bianca, Elisa, Fabrício, Gibran, Isadora, Janaína, Joana, Júlia, Kedilen, Laura, Mélyny, Rosana, Silvani, Tiago e Victória – por proporcionarem tantos encontros e discussões fundamentais na construção desse trabalho.

À banca examinadora, Aline, Daiane e Felipe, por aceitarem contribuir nas reflexões propostas nessa dissertação.

Aos meus pais, Caio e Elaine, por me acolherem no mundo das Letras e por, desde sempre, fazerem da palavra a costura entre nós. À minha irmã, Helena, por me escutar e me inspirar. Ao meu sobrinho, Leonardo, por inaugurar um novo amor em mim.

Ao Kainan, amor da minha vida, por encarar as dificuldades e as lindezas dos caminhos que traçamos juntos, por sempre acreditar no meu potencial e por não soltar minha mão em nenhum segundo. Obrigada pela escuta, pela presença e pelo amor durante esses dois (e tantos mais) anos.

Às amigas – Ana Paula, Laura, Natália, Roberta, Luiza, Lídia, Yasmin e Antônia – que entenderam a ausência necessária e seguiram sendo apoio e amor para todas as horas.

À Antônia, Cristine, Luisa e Mariana, que foram escuta diária das minhas angústias e me fizeram confiar que daria tudo certo.

Às colegas Amanda, Camila, Caroline, Eduarda, Laura, Márcia e Nina, por compartilharem comigo o fazer clínico e serem parte da minha trajetória como fonoaudióloga.

Ao presidente Lula, por tornar possível a realização deste importante passo na minha vida acadêmica, assim como a minha graduação no curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul por meio do projeto REUNI. Presidente, obrigada por nos tirar da escuridão, fazendo com que o Brasil voltasse a ser um país que fomenta a educação pública de qualidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Capes, por financiar esse estudo.

RESUMO

Esse trabalho remonta sua origem em 2018, a partir da realização de um laboratório de fonética da língua espanhola, no qual fui tocada, enquanto fonoaudióloga e pesquisadora, pelo aspecto fônico da *langue* na fronteira entre línguas. A partir do trabalho com alunos que apresentavam dificuldade na produção do fonema /r/, algumas reflexões acerca da produção, da percepção e da representação desse fonema como entidade linguística começaram a ser levantadas. Assim, a hipótese de que o significante, uma das partes que compõem o signo linguístico, possui um caráter trino, comportando os aspectos articulatório, acústico e representacional, tomou forma. Essa dissertação, portanto, tem como objetivo aprofundar teoricamente o aspecto trino do significante, buscando entender se essa leitura se sustenta na linguística saussuriana. Para isso, três capítulos serão desenvolvidos. No primeiro, os conceitos fundantes da teoria saussuriana serão apresentados e aprofundados. Refletiremos acerca das noções de unidade, signo linguístico, arbitrário e valor linguístico sob a perspectiva do *um*, buscando entender se esses conceitos se sustentam por si sós. No segundo capítulo, dois pontos serão discutidos. Primeiramente, relações duais presentes na teoria saussuriana serão apresentadas: produção e percepção, relações sintagmáticas e associativas, sincronia e diacronia, *langue* e *parole* e significante e significado. Em um segundo momento, nos debruçaremos sobre o manuscrito saussuriano *Sobre a Essência Dupla da Linguagem* e sobre as reflexões acerca da figura vocal como tal e da figura vocal como signo. Por fim, no terceiro capítulo, três questões serão discutidas. Em primeiro lugar, iremos propor uma perspectiva trina aos pares apresentados anteriormente, trazendo à discussão um terceiro elemento que se mostra intrínseco a essa relação. Após, dissertaremos acerca da noção de arbitrário e como sua natureza reflete em uma assimetria no signo linguístico. Por fim, apresentaremos o aspecto trino do significante em suas características articulatória, acústica e representacional. A partir desse trabalho, um ponto de vista que coloca a trindade em evidência torna-se possível no terreno da linguística saussuriana. Por meio do aprofundamento e de reflexões acerca dos conceitos desenvolvidos por Saussure, o caráter relacional de sua teoria se destaca e convoca o pesquisador a ampliar seu olhar para um ponto de vista trino. O aspecto trino do significante mostra-se como um deslocamento fundamentado na teoria saussuriana e que possui desdobramentos práticos e teóricos.

Palavras-chave: signo linguístico; significante; articulatório; acústico; representacional.

RÉSUMÉ

Ce travail remonte à 2018, à partir de la réalisation d'un laboratoire de phonétique de la langue espagnole, dans lequel, en tant qu'orthophoniste et chercheuse, je me suis penchée sur l'aspect phonique de la *langue* à la frontière entre les langues. À partir du travail avec des élèves qui avaient des difficultés dans la production du phonème /r/, certaines réflexions sur la production, la perception et la représentation de ce phonème en tant qu'entité linguistique ont commencé à être soulevées. Ainsi, l'hypothèse que le signifiant, l'une des composantes du signe linguistique, possède une nature triple, comprenant les aspects articulatoires, acoustiques et représentationnels, a pris forme. Cette mémoire a donc pour objectif d'approfondir théoriquement l'aspect triple du signifiant, en comprenant si cette lecture est dans la linguistique saussurienne. Pour ce faire, trois chapitres seront développés. Dans le premier, les concepts fondamentaux de la théorie saussurienne seront présentés et approfondis. Nous réfléchirons aux notions d'unité, de signe linguistique, d'arbitraire et de valeur linguistique du point de vue de l'unité, en comprenant si ces concepts se tiennent par eux-mêmes. Dans le deuxième chapitre, deux points seront discutés. En premier lieu, les relations duales présentes dans la théorie saussurienne seront présentées: production et perception, relations syntagmatiques et associatives, synchronie et diachronie, *langue* et *parole*, signifiant et signifié. Ensuite, nous nous pencherons sur le manuscrit saussurien *De l'essence double du langage* et sur les réflexions concernant la figure vocale comme telle et la figure vocale comme signe. Enfin, dans le troisième chapitre, trois questions seront discutées. Nous proposerons une perspective triple aux paires présentées précédemment, en introduisant une troisième composante intrinsèque à cette relation. Ensuite, nous discuterons de la notion d'arbitraire et de la manière dont sa nature se reflète dans une asymétrie dans le signe linguistique. Enfin, nous présenterons l'aspect triple du signifiant dans ses caractéristiques articulatoires, acoustiques et représentationnelles. À travers ce travail, une perspective mettant en avant la trinité devient possible dans le domaine de la linguistique saussurienne. Grâce à l'approfondissement et à la réflexion sur les concepts développés par Saussure, la nature relationnelle de sa théorie ressort et invite le chercheur à élargir son regard vers une perspective triple. L'aspect triple du signifiant se révèle comme un déplacement ancré dans la théorie saussurienne, avec des implications pratiques et théoriques.

Mots-clés: signe linguistique; signifiant; articulatoire; acoustique; représentationnel.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Signo linguístico (a) | 28 |
| Figura 2 – Signo linguístico (b) | 28 |
| Figura 3 – Signo linguístico (c) | 28 |
| Figura 4 – Signo linguístico (d) | 28 |
| Figura 5 – Valor linguístico..... | 32 |
| Figura 6 – Relações associativas | 42 |
| Figura 7 – <i>Eixos Escritos de Linguística Geral</i> | 44 |
| Figura 8 – <i>Eixos Curso de Linguística Geral</i> | 45 |
| Figura 9 – Exemplo de sincronia e diacronia..... | 48 |
| Figura 10 – <i>Langue</i> | 50 |
| Figura 11 – <i>Parole</i> | 50 |
| Figura 12 – Linguagem, <i>langue</i> e <i>parole</i> | 67 |
| Figura 13 – Signo linguístico..... | 72 |
| Figura 14 – Aspecto trino do significante | 80 |

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 13 |
| 1 UM | 19 |
| 1.1 Os conceitos fundantes da teoria saussuriana | 20 |
| 1.1.1 Unidade | 20 |
| 1.1.2 Signo linguístico..... | 22 |
| 1.1.3 Arbitrário | 26 |
| 1.1.4 Valor linguístico | 31 |
| 1.2 Encaminhamentos | 36 |
| 2 DOIS | 38 |
| 2.1 O duplo na teoria saussuriana | 38 |
| 2.1.1 As duplas | 39 |
| 2.1.1.1 <i>Produção e percepção</i> | 41 |
| 2.1.1.2 <i>Relações sintagmáticas e associativas</i> | 41 |
| 2.1.1.3 <i>Sincronia e diacronia</i> | 43 |
| 2.1.1.4 <i>Langue e parole</i> | 49 |
| 2.1.1.5 <i>Significante e significado</i> | 51 |
| 2.1.2 <i>Sobre a Essência Dupla da Linguagem</i> | 54 |
| 2.2 Encaminhamentos | 60 |
| 3 TRÊS | 62 |
| 3.1 O terceiro nas duplas | 63 |
| 3.1.1 Produção, percepção e representação | 63 |
| 3.1.2 Relações sintagmáticas, associativas e o sistema de valores..... | 65 |
| 3.1.3 Sincronia, diacronia e o ponto de vista pancrônico | 66 |
| 3.1.4 <i>Langue, parole</i> e linguagem | 67 |
| 3.1.5 Significante, significado e signo linguístico | 68 |
| 3.2 Assimetria do signo linguístico..... | 70 |

| | | |
|------------|--|-----------|
| 3.3 | O aspecto trino do significante | 75 |
| 3.3.1 | Aspecto articulatorio | 80 |
| 3.3.2 | Aspecto acústico..... | 82 |
| 3.3.3 | Aspecto representacional | 84 |
| 3.4 | Encaminhamentos | 86 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 93 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao situar este estudo no campo da linguística saussuriana e, mais precisamente, tendo o intuito de aprofundá-lo em relação à face significativa do signo linguístico, apresenta-se aqui um trabalho que é efeito das discussões que veem o “som”¹ em Saussure como um elemento linguístico. Dessa forma, a idealização dessa dissertação surge de uma trajetória de pesquisa influenciada pelos estudos sobre os efeitos do aspecto fônico na *langue*² e por atividades em projetos de pesquisa e de extensão dentro da Universidade durante meu percurso de graduação em Fonoaudiologia. Em 2018, realizei, sob orientação da Prof.^a Dra. Luiza Milano, um laboratório de fonética de língua espanhola e, ao pensar na origem dessa dissertação, considero que foi nesse momento que as questões acerca de minha pesquisa começaram a ser delineadas.

Nesse laboratório, que tinha como objetivo trabalhar com a produção de fonemas do espanhol, comecei a me indagar acerca do som enquanto uma entidade linguística complexa. Ao iniciar o laboratório trabalhando exercícios de produção dos fones, que envolviam principalmente força e mobilidade de língua, questionamentos sobre o quanto esse aspecto articulatório conseguia contemplar o estatuto daquele som como fonema começaram a se fazer presentes. Uma vibração de língua corresponde a um /r/? Quando ela passa a ser um fonema? E, esse /r/ em língua portuguesa ou espanhola possui o mesmo valor?

A partir dessas perguntas, começo a entender, pela teoria saussuriana, que o aspecto fônico da *langue* parece ter uma complexidade para além da produção – a percepção também deve ser considerada para que os sons possam ter representação em uma determinada língua. Dois projetos surgem desse contexto. Meu trabalho de conclusão de curso (Riter, 2019a), intitulado *O lugar do fônico na fronteira entre*

¹ No decorrer desse trabalho, utilizaremos de forma recorrente “som” para nos referirmos ao aspecto fônico/material da *langue*. No entanto, sabemos que essa materialidade pode ser de outra natureza, tal qual como gestual ou escrita.

² Desde 2019, a partir da publicação da dissertação de Ribeiro (2019), optamos, no grupo de pesquisa *O rastro do som em Saussure*, por utilizar a terminologia *langue* tal como no idioma original francês, em vez do termo “língua”, veiculado na tradução do *Curso de Linguística Geral* para a língua portuguesa (Saussure, 1996), com o objetivo de manter a alusão do termo ao conceito de sistema desenvolvido pela teoria saussuriana. A apresentação dos conceitos dessa forma é recomendação de Tullio De Mauro, que, na *note 68* da edição crítica do *Cours de Linguistique Générale* (Saussure, 2005), salienta que a tradução de conceitos saussurianos como *langue* e *parole* poderia gerar equívocos teóricos.

línguas: contribuições linguísticas sob um viés saussuriano, teve como objetivo olhar o aspecto fônico na fronteira entre línguas considerando o som como um elemento linguístico e, como um deslocamento do estudo promovido, o aspecto trino do significante foi apresentado.

No mesmo período, elaborei o trabalho a ser apresentado, no ano de 2019, no XXXI Salão de Iniciação Científica da UFRGS, no qual meu objetivo começou a se delinear em um campo principalmente teórico. Intitulado *O aspecto trino do significante: do arbitrário ao valor* (Riter, 2019b), essa produção reflete um momento de maior aprofundamento na teoria saussuriana, sempre em diálogo com o grupo de pesquisa *O rastro do som em Saussure*³. Sendo assim, o objetivo foi visitar as noções de arbitrário e de valor linguístico para sustentar um olhar trino ao significante, que englobaria os aspectos acústico, articulatório e representacional. Seguindo essa perspectiva, o aspecto articulatório estaria ligado à produção do som, o acústico estaria na dependência do efeito que esse som provoca, e o representacional seria a abstração da produção e da percepção sonoras, o que permite a noção de valor saussuriano (Riter, 2019a; 2019b).

O presente trabalho, portanto, é efeito da trajetória trilhada até aqui, que suscitou detalhamento e avanço na hipótese do aspecto trino do significante. A pesquisa aqui proposta tem como objetivo fundamentar linguisticamente essa possibilidade de leitura triádica para o significante linguístico. A partir dos trabalhos anteriores citados, a necessidade de aprofundamento teórico se mostrou necessária com intuito de potencializar esse achado de pesquisa, dando continuidade a seu estudo. Há um ponto de vista triádico na teoria saussuriana e, a partir disso, é possível sustentar uma leitura trina para o significante, englobando aspectos articulatórios, acústicos e representacionais?

Para atingir esse objetivo, esta dissertação será dividida em três capítulos principais: *Um*, *Dois* e *Três*. Nos primeiros dois capítulos, trabalharemos principalmente com três fontes saussurianas: o *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1996), em sua tradução para a língua portuguesa; os *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 2004) e a edição crítica de Tullio De Mauro do *Cours de Linguistique Générale* (Saussure, 2005), em sua tradução para a língua francesa.

³ O grupo de pesquisa coordenado pela Prof.^a Dra. Luiza Milano desde 2013, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1996) é uma obra póstuma que foi organizada por dois colegas de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, contando também com a colaboração de um de seus alunos, Albert Riedlinger. Essa obra foi originada a partir de três cursos sobre linguística geral ministrados por Saussure: o primeiro, de janeiro a julho de 1907; o segundo, de novembro de 1908 a julho de 1909; e o terceiro, de outubro de 1910 a julho de 1911 (Saussure, 1996). É importante ressaltar que os editores tiveram acesso às anotações de apenas parte dos alunos presentes nos cursos e, além disso, contaram com poucas notas de Saussure referentes à preparação das aulas. O *Curso* foi publicado originalmente, em língua francesa, em 1916 na Suíça, na França e na Itália, sendo a tradução para a língua portuguesa lançada em 1970, no Brasil (Milano *et al*, 2022; Sofia, 2016).

Os *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 2004), obra publicada originalmente em 2002 e traduzida para a língua portuguesa em 2004, diz respeito a manuscritos inéditos de Saussure organizados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com colaboração de Antoinette Weil (Milano *et al*, 2022). Nos *Escritos*, contamos com os seguintes materiais: *Sobre a Essência Dupla da Linguagem, Item e Aforismos, Outros Escritos de Linguística Geral* (incluindo novos e antigos documentos e a nota sobre discurso) e as *Notas Preparatórias para os Cursos de Linguística Geral*. Ainda que exista uma organização, nos *Escritos* testemunhamos o pensamento de Saussure em construção, havendo lacunas e trechos inconclusivos ao longo do texto – encontramos textos manuscritos de Saussure, escritos de acervos antigos e notas preparatórias autográficas para os cursos de Linguística Geral, pelas quais é possível realizar diversos paralelos com a edição do *Curso* (Saussure, 1996).

O *Cours de Linguistique Générale* que utilizaremos corresponde à tradução para língua francesa da edição crítica de Tullio De Mauro⁴ (Saussure, 2005), originalmente publicada em língua italiana. Essa edição conta com 305 notas redigidas pelo linguista italiano, além de uma introdução, nas quais constam algumas

⁴ Tullio De Mauro (1932-2017) foi um linguista italiano que se dedicou aos campos de filosofia da linguagem, de semântica histórica e dos estudos linguísticos. Para o presente trabalho, destacamos sua contribuição como tradutor e estudioso do *Cours de Linguistique Générale*. A edição italiana do *Cours*, lançada em 1967 e que conta com a tradução, uma introdução e as 305 notas elaboradas por Tullio De Mauro, tornou-se a versão *standart* da mais disseminada obra saussuriana, tanto em língua italiana quanto na versão traduzida para língua francesa (Albano Leoni, 2022a). Considerando a importância dessa edição, optamos por explorá-la e utilizá-la nas construções teóricas realizadas no presente trabalho. Infelizmente, não contamos com a tradução para língua portuguesa. Sendo assim, utilizaremos a tradução de Louis-Jean Calvet para a língua francesa, publicada pela primeira vez em 1972 e, nesse trabalho, referente à edição de 2005. Nas citações diretas aqui presentes, as notas utilizadas estarão traduzidas e suas versões em língua francesa em nota de rodapé.

reflexões acerca de debates promovidos pelo *Curso* e de questões teóricas e epistemológicas (Milano *et al*, 2022). A partir dessa edição, De Mauro, pela exploração de fontes manuscritas, consegue libertar o *Curso* de “algumas incrustações exegéticas, redimensionando a natureza dicotômica de oposições como *langue/parole* e sincronia/diacronia” (Albano Leoni, 2022a, p. 67), proporcionando uma leitura original dessa obra – e pela qual é inclusive difícil de distinguir o que é De Mauro e o que é Saussure. Para guiar o leitor na leitura do presente trabalho, iremos identificar nas citações a qual nota de De Mauro estamos nos referindo, como forma de facilitar a busca por tais informações e, também, de diferenciar as reflexões do linguista italiano das reflexões provenientes do texto do *Curso*.

O primeiro e o segundo capítulos desta dissertação serão construídos principalmente a partir dessas três fontes e, no terceiro e último capítulo, além de continuar guiando nossas discussões a partir delas, lançaremos mão de estudos de importantes pesquisadores da teoria saussuriana para avançar nas reflexões que permeiam nossa pergunta de pesquisa.

No primeiro capítulo, buscaremos trabalhar sobre os conceitos saussurianos sob a perspectiva do *um*. Dessa forma, abordaremos – não sem esforço – as noções de unidade, signo linguístico, arbitrário e valor linguístico por si sós, na tentativa de defini-las sem que outros conceitos sejam mobilizados e de vê-las enquanto aspectos positivos e únicos. No *Curso de Linguística Geral*, temos a famosa máxima saussuriana:

Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras (Saussure, 1996, p. 15).

Diante da hipótese de que unidade, signo e as noções de arbitrário e de valor seriam aspectos únicos e positivos, a linguística saussuriana se sustentaria a partir desse ponto de vista? Esse questionamento guiará o primeiro capítulo da dissertação, na busca por sedimentar conceitos imprescindíveis para o avanço teórico dessa pesquisa e que voltarão a circular nas reflexões desenvolvidas nos capítulos posteriores.

No segundo capítulo, abordaremos as relações duais presentes na teoria saussuriana: produção e percepção, relações sintagmáticas e associativas, sincronia e diacronia, *langue* e *parole*⁵ e significado e significante. Além disso, trabalharemos sobre o manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, presente nos *Escritos de Linguística Geral*. O objetivo desse capítulo toma forma ao passo que pretendemos entender e discutir sobre a natureza desses pares e das suas relações, refletindo se é possível ver essa abordagem como um outro ponto de vista que, por sua vez, difere do tratado no primeiro capítulo. Um olhar sobre os pares conceituais, sobre o estatuto do *dual* e das ditas dicotomias ganhará lugar nesse capítulo. Situaremos-nos, portanto, na perspectiva do *dois*.

No capítulo *Três*, estando sedimentadas as discussões sob os pontos de vista único e duplo, iremos propor uma perspectiva trina aos pares apresentados no segundo capítulo e resgataremos algumas das noções tratadas no primeiro. A representação que permeia produção e percepção, as relações sintagmáticas e associativas como base na concepção de valor linguístico, o ponto de vista pancrônico diante da sincronia e da diacronia, a *langue* e a *parole* como partes da linguagem e o signo linguístico como resultante de significante e significado – esses terceiros, desde sempre presentes, serão evidenciados a fim de elucidar a trindade que parece compor a linguística saussuriana.

A seguir, trataremos da discussão acerca de uma possível assimetria do signo linguístico, em diálogo com os trabalhos de Badir (2017), Ribeiro (2019), Marchese (2022) e Albano Leoni (2022b). Nesse momento, retomaremos fortemente a noção de arbitrário a fim de demonstrar a possibilidade de orientação não-simétrica desse aspecto da *langue* e como essa característica repercute no significante linguístico, nosso ponto de chegada.

Por fim, na seção *O aspecto trino do significante*, trataremos sobre a natureza dessa face do signo linguístico sob o viés de uma leitura trinitária, a qual evidencia características de produção, de percepção e de representação, que serão nomeadas, respectivamente, como *aspecto articulatório*, *aspecto acústico* e *aspecto representacional*. No aprofundamento dessa proposta, iremos nos sustentar pela teoria saussuriana, no âmbito das fontes descritas anteriormente, assim como nas

⁵ Assim como *langue*, optamos pela utilização do termo *parole* ao fazer referência ao conceito de fala, como forma de aludir ao viés saussuriano que toma a fala como porção individual absoluta e única de cada ato expressivo, e não como sinônimo de ato fonatório mecânico.

leituras e deslocamentos apresentados por Milano (2016), Stawinski (2016), Badir (2017), Marchese (2022) e Albano Leoni (2022b).

Esse trabalho pretende, portanto, contribuir nas discussões que alçam o “som” a um estatuto linguístico que, por sua vez, mostra-se complexo. Sendo o significante o representante do aspecto fônico na linguística saussuriana, vemos nas reflexões promovidas à sua volta um grande potencial para deslocamentos teóricos e práticos.

1 UM

Parece que a ciência – e, enquanto ciência, falamos de um modo bastante generalizado – se tornou lugar de um só. Nas pesquisas, é comum que haja a escolha de um autor, com o recorte para um objeto. Único. Que se basta em si mesmo. Nesse capítulo, temos o objetivo de olhar para a linguística saussuriana a partir do questionamento do único. Os conceitos elaborados por Saussure se bastam por si mesmos, em uma posição positiva?

A teoria saussuriana se estabelece justamente em uma “virada epistemológica” em relação à linguística. Previamente ao *Curso de Linguística Geral*, a linguística se desenvolvia a partir dos estudos histórico-comparativos das e entre as línguas, deixando para trás aspectos mais filosóficos e tomando um viés filológico como ponto de vista. A partir de Saussure, a linguística passa a constituir um campo científico mais consolidado. Para que tal trajetória fosse possível, foi necessário que, didaticamente, a reflexão, a elaboração e a descrição do objeto e de conceitos fossem expostas separadamente, com o objetivo de, a partir delas, caracterizar a língua como sistema – o que confirmou esta grande virada.

Nosso ponto de partida se dá no campo da linguística e, a partir dela, adotamos o ponto de vista saussuriano. Temos, então, um campo e um autor. Daqui em diante, admitimos uma teoria – aquela que olhará para a língua como um sistema (que nesse trabalho chamaremos de *langue*) e que delineará o signo linguístico como modo de constituir uma unidade. Dentro de moldes mais conservadores, escolheríamos um método para analisar um objeto e definir sua unidade, que, por sua vez, se bastaria por si só. Um, um, um.

Diante disso, tentaremos trabalhar sob o ponto de vista *uno* nesse capítulo. Assim como a teoria saussuriana precisou firmar alguns conceitos para que o campo científico da linguística ganhasse consistência e, didaticamente, seu ensinamento se tornasse mais sólido, faremos um esforço para que esses conceitos sejam expostos de maneira única, contornada, isolada. Nesse capítulo, nos aprofundaremos em alguns conceitos da linguística saussuriana fazendo um exercício teórico, o que refletirá a ilusão que envolve a ideia de que o signo linguístico é único e que se basta por si mesmo, por exemplo.

No presente capítulo, as três fontes saussurianas destacadas na introdução desse trabalho serão exploradas: o *Curso de Linguística Geral*, em sua tradução para a língua portuguesa (Saussure, 1996), a edição crítica do *Cours de Linguistique Générale* elaborada por Tullio De Mauro (Saussure, 2005) e os *Escritos de Linguística Geral*, assim como o *Curso*, em sua tradução para a língua portuguesa (Saussure, 2004).

Com base nessas fontes, visitaremos a noção de unidade, de signo linguístico, de arbitrário e de valor. Diante de nossas hipóteses, a teoria saussuriana e os conceitos fundados a partir dela não sobrevivem isoladamente – ainda mais quando o que está em pauta é um sistema simbólico. Contudo, esse exercício didático de visitar cada noção isoladamente se faz necessário para que possamos avançar em nossas conjecturas em relação à ciência proposta por Saussure. Ao longo do capítulo, será possível perceber que a teoria saussuriana engloba noções e conceitos em uma grande teia, na qual, para nos debruçarmos em um ponto, outros são, a todo momento, reclamados.

1.1 Os conceitos fundantes da teoria saussuriana

1.1.1 Unidade

Ao pensarmos em definição da unidade da linguística saussuriana, é preciso direcionar um olhar atento à discussão acerca das entidades concretas da *langue*. De acordo com o *Curso de Linguística Geral*, a entidade linguística só existe a partir da associação entre significado e significante. Se olhássemos para apenas um desses elementos, no lugar de um objeto concreto, teríamos abstração pura; e, se olhássemos, apenas para o outro, a sequência de sons deixa de ser linguística, sendo nada mais que uma matéria fisiológica. Além disso, na definição da entidade, é necessária a delimitação a partir do que rodeia essa possível unidade na cadeia fônica. São essas características que permitem a definição das unidades “que se opõem no mecanismo da língua” (Saussure, 1996, p. 120). Salientamos aqui que, mesmo na definição daquilo que a ciência teria de mais específico, a unidade e sua delimitação só são possíveis a partir da relação entre duas ou mais entidades.

Sobre a natureza do objeto da linguística, alguns fatos são elencados nas reflexões de Saussure expostas no manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem* (Saussure, 2004): a *langue* existe a partir da vinculação de uma sequência de sons a uma ideia. Nenhuma entidade linguística se dá imediatamente pelo sentido, assim como também não existe fora da ideia; sempre levamos em conta, ao mesmo tempo, um signo e uma significação⁶. Só é possível conferir um estatuto linguístico à entidade se ela for vista dentro desta dualidade; esquecer desse caráter dual seria “atirá-la ao domínio dos fatos físicos” (Saussure, 2004, p. 23). Cria-se, assim, uma unidade que resulta da complexidade da união de fatos, fazendo com que nos deparemos com uma classe bastante particular: uma entidade absoluta que é concreta, abstrata, relativa e estrutural para as possíveis operações linguísticas. Esses fatos se veem submetidos a significar apenas a partir da sua identidade ou não-identidade, tendo em vista o caráter relacional na definição da unidade.

Essa questão é de grande importância à nossa reflexão tendo em vista que, na maioria dos nichos científicos, as unidades são dadas de começo. Não se cria uma grande questão em torno disso. O *Curso* traz, inclusive, exemplos: para a Zoologia, é o animal que é tomado como objeto; para a Astronomia, os astros; para a Química, não há dúvidas de que a natureza e os componentes químicos sejam objetos bem definidos (Saussure, 1996). Agora, ao entrar no campo da linguística, há um iminente jogo de comparações e oposições, tanto a partir dessas unidades, como as definindo. É próprio da ciência da *langue* que as entidades não estejam prontas e perceptíveis à primeira vista, e é justamente esse traço que a distingue de todas as instituições semiológicas. A linguística, portanto, não encontra diante de si um “objeto primeiro e imediato, um objeto dado”, ela se situa no “extremo oposto” (Saussure, 2004, p. 23).

Com suporte nessa reflexão, podemos concluir que um estado de *langue* nos oferece um objeto de estudo, ainda que extremamente complexo: a relação entre as formas e as ideias da qual a *langue* se compõe. Não podemos tomar as ideias ou as formas como objetos secundários, pois, assim, já não destinamos um olhar linguístico ao problema da *langue*. Trabalhamos com um objeto, com uma definição de unidade, que está fora de qualquer comparação com outras ciências, assim como fora de

⁶ Leia-se, aqui, um significante e um significado. Em relação às suas escolhas terminológicas, Saussure mostrou algumas oscilações durante seu percurso, nomeando o significante como signo por um período, enquanto nomeava significado como ideia ou significação. Essas oscilações estão presentes em diversas obras elementares do pensamento saussuriano, podendo ser vistas no *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1996) e nos *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 2004).

classificações – mesmo para os linguistas. Não há uma análise anatômica da palavra; não é possível destituir a palavra de vida ou de corpo. A unidade linguística nunca será algo tão definido – e Saussure faz essa analogia – como um órgão do corpo humano ou uma coluna de Trajano (Saussure, 2004, p. 219, p. 241), sem que haja uma condição anterior sobre seu valor de unidade. Haverá sempre a combinação de “fatos bucais com uma operação mental de uma ordem iminentemente diferente” (Saussure, 2004, p. 241-242).

Nessa discussão acerca da unidade, a noção de identidade se interpõe consideravelmente. Para ser reconhecida como linguística e pertencer ao sistema, é preciso que a unidade tenha identidade, que, por sua vez, mostra-se quando percebemos que a unidade não é puramente material e se forma a partir de todas as circunstâncias que a distinguem de outras unidades⁷ (Saussure, 1996).

Dessa forma, ver *a* e *b*, separadamente, torna mais difícil de enxergar o fenômeno *a – b*. Não há possibilidade de encontrar a unidade em *a* ou *b*, tomando-os separadamente, mas apenas na associação *a/b* (Saussure, 2004, p. 117). Poderíamos até acreditar ser possível considerar palavras como unidades por uma lógica algébrica; contudo, a abstração da esfera mental de nada nos é válida. É por esse caminho que começamos a dar borda à natureza do signo linguístico.

1.1.2 Signo linguístico

Passamos a conhecer o signo linguístico desenvolvido por Saussure a partir de sua concepção de língua como sistema (*a langue*), em contraponto à ideia de língua como nomenclatura ou lista de termos – visão essa disseminada desde suas origens aristotélicas e até sua permanência no período moderno com a gramática racionalista (Saussure, 2005, *note* 129). Por meio da noção saussuriana de *langue*, é evidente a diferença entre assumir a unidade como um processo simples que supõe ideias pré-existentes vinculando “nome” à “coisa”, ou como uma unidade verdadeiramente

⁷ As notas 207 e 221 presentes na edição crítica de Tullio De Mauro (Saussure, 2005) trazem importantes informações acerca do pensamento de Saussure na elaboração da noção de unidade linguística. Na nota 207, ao recuperar as anotações de um dos alunos de Saussure, Constantin, temos a ideia de que a entidade linguística se dá no fenômeno *langue-parole*, reforçando o caráter relacional na delimitação das unidades. Na nota 221, também resgatando as notas de alunos a partir de Engler, temos algumas passagens referentes ao recorte da unidade, atentando para a necessidade da matéria fônica e do valor nessa delimitação.

linguística, que presume a união entre dois termos, ambos de natureza psíquica unidos por um vínculo de associação (Saussure, 1996). O problema da linguagem, para nós, não repousa em olhar para a língua como nomenclatura, como pode parecer para a maioria das mentes que dela fazem uso. O signo tem o papel de dar sentido às diferenças que se criam a partir das relações; é insignificante olhá-lo, portanto, por um ponto de vista que nega sua relação no tempo e na cadeia falada. É unicamente a partir disso que, colocando tais relações em jogo, será ensinado o que vale o signo (Saussure, 2005, *note* 129).

Nesse sentido, o signo linguístico é apresentado não como a união de uma “coisa” a uma palavra, mas de um conceito a uma imagem acústica. Em sua essência, portanto, o signo refere-se a uma entidade psíquica de natureza complexa que possui duas faces intimamente unidas que se reivindicam mutuamente (Saussure, 1996, 2004). A fim de sanar uma ambiguidade terminológica principalmente no que tange o signo e o significante, o termo “signo”, então, passa a ser utilizado na designação do todo, enquanto significante refere-se à imagem acústica, e significado ao conceito. Essas expressões, significante e significado, surgem como forma de organizar o plano terminológico desse sistema formal em relação à sua natureza auditiva, acústica, conceitual, psicológica... Significante e significado, de acordo com Tullio De Mauro em nota sobre o capítulo da natureza do signo linguístico, discriminam as substâncias comunicante e comunicada (Saussure, 2005, *note* 128).

Segundo De Mauro, Saussure costuma designar como signo toda união de um significante e de um significado enquanto uma unidade mínima e complexa. Tecendo uma costura entre importantes conceitos saussurianos, o linguista apresenta o signo linguístico sendo constituído, como veremos com mais profundidade nas seções sobre o arbitrário e sobre o valor linguístico, pela união de duas classes abstratas que se formam arbitrariamente (Saussure, 2005, p. IX). É a partir dessa união que se dará a organização da *langue*, evidenciando seu caráter de sistema. Em nota comentada, Tullio De Mauro contribui à definição do signo linguístico reunindo hipóteses de diferentes linguistas (Saussure, 2005, *note* 130). Ele reforça que Saussure parecia fazer referência a essa entidade como algo menor que a frase, possivelmente como palavra. Avançando nessa hipótese, Godel afirma que a definição de signo linguístico é condizente a toda entidade linguística, comportando monemas, sintagmas, proposições e frases. Buyssens, por sua vez, conceitua, a partir da visão saussuriana, o signo linguístico como a menor unidade que permite duas operações

complementares: a associação de entidades a partir de combinações diferentes e a oposição delas com outras semelhantes – mais adiante, nos debruçaremos sobre tais relações a fim de entender sua influência no signo e no conceito de valor linguístico.

A exposição daquilo que define cada uma das partes que compõem o signo já é bastante difundida no meio dos estudos linguísticos, tendo em vista a ampla circulação da obra saussuriana no que diz respeito ao *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1996). Contudo, a fim de avançarmos em nossas hipóteses, se faz necessária a discussão acerca da natureza do significado e do significante.

Como significado, o tomamos como “a experiência às avessas” (*Novos Item*, Saussure, 2004, p. 88) do significante, mas não em um sentido oposto. O significado reveste o significante de uma ideia, assim como é revestida por um significante próprio. Em um exercício didático, o significado fora de sua composição com o significante já estaria externo ao domínio linguístico, interessando à Psicologia ou à Filosofia.

Ao voltarmos nossa reflexão para o lado significante do signo linguístico, precisaremos destinar um olhar um pouco mais aprofundado do que o atribuído ao significado, tendo em vista sua complexa natureza, que passa tanto por aspectos materiais quanto por psíquicos, conforme nosso objetivo nesse trabalho, que se coloca justamente numa proposta teórica no que tange o significante. É interessante perceber as camadas conceituais que vão se sobrepondo até chegarmos na definição de significante mais conhecida e disseminada presente no primeiro capítulo dos *Princípios Gerais do Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1996), Natureza do signo linguístico.

Em suas reflexões acerca do campo científico da linguística, Saussure já começa a tecer algumas considerações que trazem à tona a natureza do significante. “Tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas”, assim como “o essencial da língua, como veremos, é estranho ao caráter fônico do signo linguístico” (Saussure, 1996, p. 14). Ora, já se inicia a reflexão de que o significante não pode ser equivalente ao puro som ou à pura articulação de fonemas. Como se dá, portanto, essa materialidade que não se dissocia do caráter psíquico? É necessária a abstração dos diversos movimentos necessários para a realização da imagem acústica na *parole* – cada imagem acústica é a soma de elementos *suscetíveis* à evocação de signos.

Antes de ser definido terminologicamente como significante, esse aspecto do signo linguístico é chamado, na maioria das passagens, de imagem acústica, ainda que existam algumas oscilações terminológicas, como apontado acima na nota de rodapé 6. Dito isso, em suas reflexões acerca dos princípios de fonologia, Saussure pondera sobre a produção do som que, até esse momento, era vista como preponderante em relação ao lado acústico. Tal dissociação não é correta, nos mostra o linguista, considerando que é justamente na impressão produzida no ouvido, na impressão acústica, que está “a base de toda teoria” (Saussure, 1996, p. 49). E, sem tomar tal afirmação como verdade absoluta, podemos buscar o porquê desse ponto de vista – o que nos será imprescindível na interpretação da teoria saussuriana.

Caso nos deparássemos com imagens visuais dos movimentos de boca e laringe necessários na produção da *parole*, não seria possível dividir tal sequência articulatória e, dessa forma, fazer o recorte da unidade indispensável para o reconhecimento do signo e do seu iminente valor linguístico. Sem o aspecto sonoro e a impressão que ele causa, “não se sabe onde um som termina e outro se inicia” (Saussure, 1996, p. 50). A delimitação das unidades que se estabelecem no circuito da *parole* se apoiará, portanto, na impressão acústica desses sons que, por sua vez, se apoiam nos movimentos articulatórios.

Ao tomarmos o capítulo da *Natureza do signo linguístico* como orientação na definição do significante, uma nota de rodapé bastante dedicada a essa face de signo nos chama atenção. Nela, a imagem acústica – ainda não denominada significante – é delineada como “a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala” (Saussure, 1996, p. 80). Sua natureza, então, nos sugere a subordinação da materialidade em relação ao aspecto acústico. O significante não diz respeito à sequência de sons, mas à capacidade de representar a partir da impressão acústica dada pelas diferenças percebidas em sons realizados. O significante não é puramente fônico; ele é incorpóreo, constituído pelas diferenças que são capazes de separar e definir cada unidade (Saussure, 1996, p. 138).

Em nota comentada, Tullio De Mauro contribui na discussão acerca do significante: ele não é uma imagem no sentido “banal”, mas uma figura acústica que constitui uma classe de *configurações possíveis* que se organizam de tal forma que seus elementos se dividem em sequências (Saussure, 2005, *note* 145). Esses elementos são as unidades concretas da *langue*.

1.1.3 Arbitrário

Ao longo da trajetória de pesquisa que levou à elaboração desse trabalho, o conceito de arbitrário, a partir do viés saussuriano, mostrou-se fundamental no entendimento da teoria proposta por Saussure. Contudo, em nada se apresenta de forma simples ou pontual. Pelo contrário, este conceito se dissolve pela teoria e, conseqüentemente, pelas fontes saussurianas. Como veremos, o arbitrário impacta de forma contundente todo o estudo saussuriano e, ainda mais, o significante, nosso eixo de maior atenção nessa pesquisa. De acordo com De Mauro, em sua edição crítica do *Cours de Linguistique Générale*, Saussure viu no arbitrário do signo o “princípio fundamental de toda realidade linguística” (Saussure, 2005, p. IX, tradução nossa⁸). É por meio desse elemento que os sistemas semiológicos – incluindo a *langue* – são suscetíveis de classificação em diferentes graus de arbitrário, como veremos ao longo desta seção.

O arbitrário é introduzido ao leitor do *Curso de Linguística Geral* logo após a apresentação do signo linguístico, caracterizando-o:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário (Saussure, 1996, p. 81).

A ideia do arbitrário se dá a partir da concepção de que o significado presente na composição de certo signo não tem uma relação direta com a sequência de sons que servirá como – um aspecto do – significante. Outra sequência qualquer poderia cumprir tal papel. Tal característica aponta para conceituarmos o arbitrário como a origem do caráter opositivo dos significantes e dos significados, tendo em vista que é precisamente o laço, o elo entre essas duas faces, que é arbitrário (Saussure, 2005). Terminologicamente, De Mauro nos ajuda a pensar que a escolha de Saussure por “arbitrário” se dá por esse termo exprimir justamente a inexistência de razões naturais ou lógicas presentes na articulação da substância, utilizando seus termos, acústica e semântica – leia-se significante e significado (Saussure, 2005, *note* 137).

⁸ No original: “Saussure voit dans l’arbitraire du signe le principe fondamental de toute la réalité linguistique” (SAUSSURE, 2005, p IX).

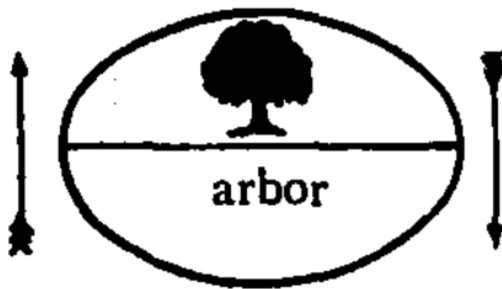
Quanto à elaboração desse conceito, nos deparamos com a dificuldade epistemológica que gira em torno do arbitrário, tendo que vista que “não é contestado por ninguém; às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe” (Saussure, 1996, p. 82). Em nota comentada, De Mauro reforça que essa passagem é um reflexo fiel às fontes manuscritas saussurianas e que ela é de grande importância, pois a partir dela percebemos que é no arbitrário que Saussure encontra o princípio da sistematização da teoria linguística. Dessa forma, o arbitrário não se restringe a sua formulação como conceito; devemos considerá-lo ao longo de toda a teoria (Saussure, 2005, *note* 138).

Aqui, não temos a pretensão de tomar o arbitrário de forma dogmática, mas de entendê-lo de maneira que torne possível perceber seu papel no funcionamento da *langue* e, no que mais toca a esse trabalho, na natureza do significante. Suas consequências aparecerão justamente nas várias voltas do desenrolar da teoria, fazendo com que, por fim, entendamos a “importância primordial do princípio” (Saussure, 1996, p. 82).

O arbitrário tem suas características fortemente explicitadas ao tratarmos da *langue*. Se tomarmos como objeto outro sistema semiótico, por exemplo, tal princípio já não se evidencia da mesma forma. No *Curso*, o exemplo do símbolo da justiça nos é apresentado: “existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo” (Saussure, 1996, p. 82). A *langue*, então, prevê um signo vazio – ou esvaziado, na medida em que o seu valor está na dependência das relações que ele trava com outros signos que não ele.

Abandonando a ideia da correspondência entre uma sequência de sons e uma imagem mental do conceito, a interpretação do esquema do signo se dá, justamente, nesse aprofundamento na teoria do valor, em detrimento à imagem evocada no capítulo da *Natureza do signo linguístico*.

Figura 1 – Signo linguístico (a)



Fonte: Saussure (1996, p. 81)

Figura 2 – Signo linguístico (b)



Fonte: Saussure (1996, p. 136)

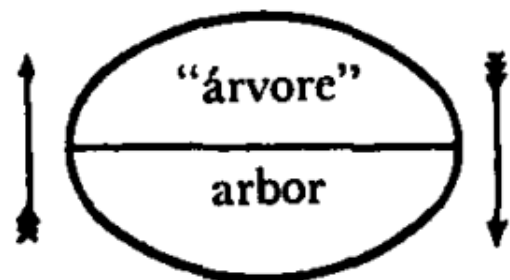
Segundo De Mauro, na *note* 132 presente no *Cours*, a apresentação do signo linguístico de acordo com a Figura 1 foi uma das consequências graves da intervenção dos editores do *Curso de Linguística Geral*, Bally e Séchehaye. Este esquema não estava presente nas fontes manuscritas saussurianas, apenas outras duas representações:

Figura 3 – Signo linguístico (c)



Fonte: Saussure (1996, p. 80)

Figura 4 – Signo linguístico (d)



Fonte: Saussure (1996, p. 181)

A versão com o desenho gráfico da árvore, por sua vez, faz com que haja a impressão ao leitor de que o significante é vocal, enquanto o significado é a imagem da *coisa*, e que um evoca o outro em uma posição de língua como nomenclatura, o que se mostra, como já discutido, totalmente contrário à concepção saussuriana (Saussure, 2005, *note* 132).

De Mauro nos ajuda a tornar sólida essa diferenciação, que coloca a *langue* em uma posição bastante específica quando comparada a outros sistemas. Na sua introdução presente na edição crítica do *Cours*, a discussão acerca do arbitrário pondera que a concepção dos signos linguísticos em nada depende de uma motivação intrínseca às substâncias fônica e psicológica. Dessa forma, as distinções que o caráter linguístico dos significantes e dos significados introduz nas realizações fônicas e nas significações são independentes a motivações intrínsecas (Saussure, 2005). Na origem do arbitrário, não há um olhar direcionado àquilo que é puramente mecânico ou às características objetivas do mundo em uma tentativa de conectá-las à *langue*; há, pois, uma certa liberdade em termos de associação, de discriminação e de classificação – o que é fundamental na evidência do estatuto linguístico dos signos e, conseqüentemente, da *langue*.

Tratemos agora do arbitrário em meio ao mecanismo da *langue*, quando, ao nos debruçarmos sobre seu funcionamento, nos deparamos, na verdade, com dois arbitrários: o absoluto e o relativo. Primeiramente, podemos dizer: uma parte dos signos é radicalmente arbitrária; contudo, em outra, percebe-se a intervenção de um fenômeno que faz com que graus de arbitrário sejam colocados em jogo (Saussure, 1996, p. 152). Um exemplo bastante evidente, apresentado no *Curso* (Saussure, 1996), traz os signos *vinte* e *dezenove*, sendo o primeiro um exemplo do radicalmente arbitrário, ou absoluto, e o segundo, do relativo. São signos que se manifestam em diferentes graus de arbitrário. *Vinte* é imotivado, é totalmente vazio. Já não podemos dizer o mesmo em relação a *dezenove*, pois evoca outros signos em sua composição, *dez* e *nove*, que, por sua vez, são radicalmente arbitrários assim como *vinte*. Em *dezenove* há uma motivação relativa, pois, nem nos casos mais favoráveis, a motivação será absoluta: *dez* e *nove* são absolutamente arbitrários e a junção de seus valores não corresponde a *dezenove*, que valerá somente a partir das suas próprias relações sintagmáticas e associativas (Saussure, 1996). Em casos como este, o arbitrário cede espaço para uma articulação entre significantes, o que desencadeia na composição de outro signo que promoverá seu próprio lugar na *langue*.

O fenômeno do arbitrário relativo, portanto, acontece via dois princípios particulares referentes ao funcionamento da *langue*: as relações sintagmáticas e as associativas atuam de forma a limitar o arbitrário. É dessa forma que os signos são conferidos de valor (Saussure, 1996).

Nas *Notas Preparatórias para os Cursos de Linguística Geral* (Saussure, 2004), podemos testemunhar o raciocínio de Saussure ao tecer reflexões acerca do arbitrário absoluto e relativo, tomando a *langue* como um sistema que se volta ao arbitrário como seu constituinte. Se caíssemos em um viés de nomenclatura, na qual uma língua teria a única função de denominar, os termos não teriam relação entre si e ficariam separados uns dos outros, destinados à nomeação do que é material e visível (Saussure, 2004). Porém, na *langue*, “há elementos relativamente arbitrários e, outros, absolutamente”:

| | |
|---------|---------------------|
| vinte | dix-neuf |
| orveau | poirier |
| berger | vacher |
| [...] | |
| jadis | autrefois, toujours |
| souvent | fréquemment |
| | parfois |
| [...] | |

(Saussure, 2004, *Notas Preparatórias para os Cursos de Linguística Geral*, p. 282-283)

É, então, justamente a partir do princípio do arbitrário, e da sua limitação, que é possível tratar da *langue*. Tomando-a como sistema, dois limites são apresentados: a mínima organização e a mínima arbitrariedade. A partir disso, mostram-se as variedades da *langue*, contendo signos radicalmente ou relativamente arbitrários (Saussure, 1996). “Não existe língua em que nada seja motivado” (Saussure, 1996, p. 154), justamente porque nos deparamos com a ação das relações sintagmáticas e associativas na concepção de valor e, conseqüentemente, na existência do signo.

É importante salientar que, tanto para a teoria saussuriana quanto para nosso estudo e nossas hipóteses, não cabe buscar que fatores condicionam a motivação fora da *langue*, em termos mais filosóficos, ou buscar respostas para tal fenômeno. O objetivo nessa seção é entender como tal característica funciona no mecanismo da *langue*; é uma preocupação puramente linguística e interior ao próprio sistema, na qual inexitem razões naturais ou lógicas (Saussure, 2005).

Ainda, no manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, presente nos *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 2004), algumas questões acerca do arbitrário são tratadas. É possível que a *langue* seja vista como tábula rasa, em um

funcionamento no qual ideias novas aparecem e formas fonológicas tentam ser impostas, desconsiderando qualquer noção anterior, como em uma lógica de correspondência “artificial”. Por mais revolucionárias que sejam essas ideias, elas só conseguirão se classificar a partir dos termos da *langue*. Um funcionamento indiferente a isso não é possível (Saussure, 2004, p. 72). Nessa lógica, querer esgotar ideias correspondentes a sequências de sons é “uma empreitada totalmente quimérica” (Saussure, 2004, p. 71). É nas oposições que o sentido repousa; no “puro fato negativo da oposição de valores” (Saussure, 2004, p. 71). O arbitrário, dessa forma, garante que seja impossível que ideias novas sejam impostas sobre os signos da *langue*. A criação de palavras de forma indiferente aos signos linguísticos e às suas oposições e constituições de valor, em uma tentativa de que um termo corresponda “melhor” do que outros a um conceito, não é algo cabível dentro do funcionamento da *langue*.

1.1.4 Valor linguístico

Outro conceito marcante da teoria saussuriana, sendo visto como uma das maiores contribuições do linguista para a linguística moderna, é a teoria do valor. Ao longo da obra saussuriana, nota-se a ocorrência de alguns rastros da concepção dessa ideia, mostrando, assim como o princípio do arbitrário, a influência da teoria na elaboração dessa ciência que vê na *langue* um sistema influenciado por diversos fatores intralinguísticos.

Nos *Escritos de Linguística Geral*, algumas contribuições em relação ao valor se distribuem ao longo dos documentos. No manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, o valor linguístico é colocado como característica fundamental da *langue*, ao passo que exprime sua essência. Sendo assim, “uma forma não significa, mas *vale*: esse é o ponto cardeal” (Saussure, 2004, p. 30). E, por valer, ela provoca a existência de outros valores.

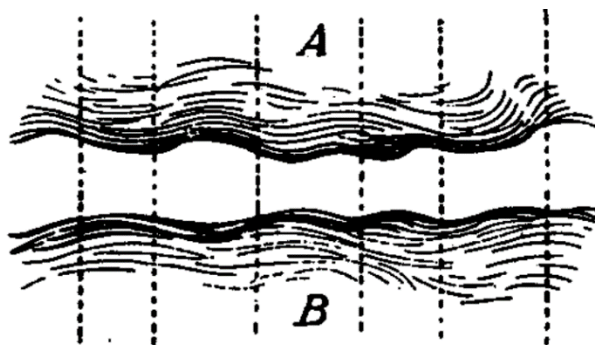
No *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1996), tal noção toma uma forma mais definida no capítulo intitulado *O valor linguístico*. Para começar a desenvolver o entendimento de valor, temos a ideia de *langue* como um sistema que coloca em funcionamento as relações entre ideias e sons. Quanto às ideias, linguistas e filósofos convergem: sem o signo, não conseguiríamos distingui-las; teríamos *nebulosas*, nas

quais nada seria delimitado. A *langue*, portanto, se mostra como via para que essas ideias consigam ser distintas e representativas de algo. Como?

Por meio do som. Contudo, de que forma? Por si sós, os sons tomados como moldes não conseguiriam simplesmente corresponder às ideias pré-definidas. A substância fônica fundamental no mecanismo da *langue*, portanto, refere-se a algo que não é fixo ou rígido, que não se acomoda ao pensamento, mas que se apresenta de forma maleável, dividindo-se em partes distintas que são capazes de oferecer ao pensamento os significantes necessários (Saussure, 1996). Os valores dos quais a *langue* se compõe não consistem nas formas, nas significações, nos sentidos ou, nem mesmo, nos signos. Eles se formam na particularidade das relações que se dão entre os significantes e os significados, por meio das diferenças percebidas (Saussure, 2004). Essas diferenças, por sua vez, se darão em dois planos que se encontram em um recorte: a diferença geral das figuras vocais é associada à diferença geral dos sentidos que podem ser atribuídos a elas (Saussure, 2004, p. 31).

No funcionamento da *langue* nos deparamos, assim sendo, com recortes que acontecem simultaneamente sobre um plano referente às ideias e sobre um plano referente à substância fônica (Saussure, 1996). No *Curso de Linguística Geral*, tal representação nos é ilustrada da seguinte forma:

Figura 5 – Valor linguístico



Fonte: Saussure (1996, p. 131)

A *langue* não diz respeito a um código no qual o meio fônico material tem função de veicular uma ideia; ela se coloca justamente entre esses planos, sendo mediadora da união do som (conforme B no esquema acima) e do pensamento (conforme A no

esquema acima) e da sua delimitação em unidades. Não se trata de levar o pensamento à concretude do meio fônico ou dar um caráter psicológico ao som, mas de perceber esse fenômeno a partir de seu vínculo; o pensamento-som que, na busca de valor, provoca o recorte das unidades que se constituem, portanto, entre “duas massas amorfas” (Saussure, 1996, p. 131). Em nota sobre essa passagem, De Mauro reforça que tal expressão refere-se a um “momento de passagem”, no qual Saussure encara a organização do sistema linguístico como um tanto misteriosa ao ser tomado fora do contexto social no qual é realizado (Saussure, 2005, *note* 226).

Na introdução do *Cours de Linguistique Générale* (Saussure, 2005), Tullio De Mauro ressalta o caráter impressionante dessas duas massas separadamente. O conjunto indefinido dos meios fônicos e o conjunto, também indefinido, dos diferentes sentidos constituem duas séries contínuas, paralelas, pelas quais o sujeito falante realiza agrupamentos dentro de limites possíveis a mobilizar a função desse signo, ou seja, uma possibilidade de constituir valor linguístico dentro do sistema. Um segmento fônico pode, por exemplo, vincular-se a duas ideias diferentes. As marcas de valor, por sua vez, serão geradas pelas relações entre os signos, dentro do conjunto dos limites desses diferentes agrupamentos que tomam a *langue* enquanto sistema formal (Saussure, 2005, p. VII). Nos debruçaremos sobre essas relações na próxima seção, “Relações sintagmáticas e associativas”.

Sobre esses diferentes planos que formam a *langue*, a clássica metáfora saussuriana ganha lugar:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim, tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura (Saussure, 1996, p. 131).

É, portanto, inteiramente ilusório opor, em qualquer instante, o signo⁹ à significação¹⁰. São duas formas do mesmo conceito do espírito, visto que a significação não existiria sem um signo e ela é apenas a experiência às avessas do signo, assim como não se pode cortar uma folha de papel sem cortar o avesso e o direito desse papel com a mesma tesourada (Saussure, 2004, p. 88).

⁹ Leia-se significante.

¹⁰ Leia-se significado.

Trabalhamos com um domínio que apenas existe a partir da combinação de elementos de duas ordens, dando origem a uma *forma* (Saussure, 1996). Esse vínculo entre ideia e som se dá, por sua vez, de forma arbitrária, reforçando o entendimento de que essa particularidade presente na concepção do valor do signo linguístico se dá internamente ao funcionamento da *langue*. Nesse caminho, pensar no signo como pura união entre conceito e som seria isolá-lo do sistema e de sua influência.

Ao tomarmos o valor linguístico no que tange ao seu aspecto conceitual, é necessário um olhar cuidadoso. Em que difere o valor da significação de um signo? Sob influência do pensamento saussuriano (Saussure, 1996, p. 133), encaramos o valor como *um* dos aspectos da significação¹¹ – a potência de representação de uma ideia está presente na concepção do valor, mas não equivale a ele. Caso fossem tomados como equivalentes, valor e significação, veríamos a *langue* como nomenclatura – o que está longe de ser nosso objetivo.

A significação se dá entre, e apenas entre, a imagem auditiva e o conceito; é como a “contraparte da imagem auditiva” (Saussure, 1996, p. 133), delimitando-se na unidade, bastando-se por si só. O valor linguístico, por sua vez, diz respeito a uma série de relações. Por um lado, é relevante que nos atentemos que, assim como na significação, há uma relação, que se dá internamente ao signo, entre o significante e o significado. Além disso, estamos pensando no valor linguístico como parte de um sistema, como parte da *langue*. Portanto, é preciso que as relações entre signos ganhem um olhar atento, pois “este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e *de igual modo*, a contraparte dos outros signos da língua” (Saussure, 1996, p. 133, grifo nosso). É a partir dessas relações que resultará o valor linguístico. Vê-se, então, sua resolutiva diferença quanto à significação.

Essas relações elementares do valor linguístico se darão de formas distintas. Sob uma perspectiva, teremos uma constituição por uma via dessemelhante, pela qual um signo está sujeito a ser substituído por outro, cujo valor ainda não está determinado. Sob outra, temos uma via semelhante, pela qual há a comparação com um valor que já está posto no sistema. Com suporte nessas relações indispensáveis, o valor linguístico existe, fazendo parte, dessa forma, do sistema da *langue* (Saussure, 1996).

¹¹ Sobre isso, ver mais em Figueiredo (2023).

E é justamente a partir desse ponto de vista que a teoria do valor constitui um lugar de grande relevância na linguística moderna: abre-se mão da nomenclatura, de um viés que coloca ideias pré-concebidas como correspondentes a sons, para destinar um olhar pertinente aos valores que derivam e constituem um sistema linguístico, a *langue*. Os valores, nesse sistema, correspondem a conceitos que são “puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (Saussure, 1996, p. 136).

Quanto à parte material constitutiva do valor linguístico, as relações e as diferenças também serão os principais elementos a serem considerados. Sendo assim, não é a matéria fônica por si que consiste no objeto de estudo da linguística, mas as diferenças fônicas que se dão a partir das relações e que, dessa forma, constituem valor (Saussure, 1996). Como um fragmento poderia se basear e se definir a partir de algo que não seja sua “não-coincidência” com outros fragmentos? É dessa forma que o arbitrário e a teoria do valor relacionam-se, pelas diferenças evidenciadas por meio da matéria fônica, que serve de suporte aos valores linguísticos. Um som tomado puramente como um elemento material é incapaz de fazer parte de um sistema semiótico de tanta complexidade como a *langue* (Saussure, 1996).

Em analogia utilizada no *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1996), o signo poderia comparar-se a uma moeda: assim como não é o metal que confere valor à moeda, não é a pura materialidade fônica que confere valor ao significante. A metáfora do jogo de xadrez também é bastante conhecida, pela qual podemos ponderar que pouco importa se a figura do cavalo é uma peça clássica do jogo ou um objeto qualquer, pois a representação do cavalo no jogo em questão é incontestável. Na *langue*, é este o jogo que se apresenta: não importa qual som integra o significante por si só, mas o valor opositivo, relativo e negativo que ele constitui no sistema. Este elemento linguístico (como já explanado na seção 1.2.2) é incorpóreo, composto pelas relações e, conseqüentemente, diferenças que o separam de outros significantes.

A ênfase no caráter relacional da *langue* pode parecer uma ação um tanto repetitiva, porém também equivale ao cerne da teoria do valor. “Tudo o que precede equivale a dizer que na língua só existem diferenças”, e ainda, “na língua há apenas diferenças sem termos positivos” (Saussure, 1996, p. 139). Tais afirmações são utilizadas na conclusão do capítulo destinado ao valor linguístico no *Curso de Linguística Geral*, sustentando a ideia de que as diferenças se darão tanto a nível

conceitual quanto a nível fônico e a relação entre essas duas massas que dará o caráter de signo linguístico à unidade. Não tratamos, portanto, de termos positivos, tanto que o signo só poderá ter tal caráter linguístico se em relação interna e externa: o valor de um signo se modifica se há alteração na relação entre significante e significado e se há alteração nos signos ao seu redor. Se um signo vizinho, por exemplo, se modifica, haverá um deslocamento no valor. Na associação que compõe o signo, não há nada além de dois valores que existem senão um pelo outro (Saussure, 2004).

O caráter positivo do signo linguístico, que aparenta ser único, é evidenciado à medida que caracteriza, ao mesmo tempo, significante e significado como negativos: “Mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem” (Saussure, 1996, p. 139). Mesmo que haja essa positividade, o caráter relacional e negativo dos elementos que constituem o signo aponta para a ilusão de que, na *langue*, tratamos de positividade – o *Um*, conforme anunciado no título deste capítulo.

O valor linguístico se forma a partir dos aspectos de relação, de oposição e de negação entre significado e significante e entre signos linguísticos, por meio de associações em presença e em ausência, que se dão simultaneamente. Essas relações, por sua vez, são produzidas e percebidas pela substância fônica que ancora o significante, apresentando-se assim, as condições para a constituição do valor.

1.2 Encaminhamentos

Neste capítulo, construímos uma trajetória por algumas das principais contribuições saussurianas à linguística moderna: as noções de unidade, signo linguístico, arbitrário e teoria do valor. A partir disso, mostrou-se impossível descrever esses conceitos sem evocar outros e, principalmente, sem evocar o caráter relacional do mecanismo da *langue*. A tentativa de firmar um aspecto *uno* na teoria saussuriana, mesmo que para um exercício didático, se torna bastante difícil. Ao longo de todo o capítulo e, conseqüentemente, no aprofundamento de cada conceito, a tarefa de definição do funcionamento da propriedade que estava em pauta sem que outros pontos da teoria precisassem ser evocados não parece fazer jus à complexidade da teoria saussuriana.

Como primeiro passo, ao definir a unidade, as relações que se dão para que se evoque o caráter linguístico dos signos já se destacaram. Na concepção de signo linguístico, do arbitrário e do valor, a articulação entre conceitos também se mostrou indispensável para que consigamos avançar na compreensão da teoria e evidenciar o aspecto sistemático da *langue*.

Nossa hipótese, portanto, de que, diferentemente de outras ciências, ao tomarmos a linguística saussuriana como ponto de vista mostra-se inviável a procura por aspectos positivos e únicos, se confirma. Contudo, tal exercício ainda se mostra necessário para que consigamos dar maior substância aos conceitos que tornam o entendimento do pensamento de Saussure possível e que serão fundamentais no desenvolvimento da trajetória sobre a qual planejamos nos debruçar ao longo desse trabalho. Essas noções que se cruzaram em todas as seções deste capítulo, seguirão guiando nossas reflexões e serão evocadas a todo momento para que, dessa forma, consigamos avançar em nossas hipóteses – do *um* ao *dois*, do *dois* ao *três*.

Tendo em vista a não sustentação da teoria saussuriana a partir do ponto de vista do *uno*, passaremos, no próximo capítulo, ao objetivo de tentar colocar em evidência as relações *duplas* presentes na linguística de Saussure. Por esse viés, questões acerca da forma de constituição das relações entre diferentes aspectos da teoria serão desenvolvidas, buscando entender se esses elos se dão de forma dicotômica, sob um viés que pressupõe uma divisão, uma contradição, ou se se dariam de forma a constituir uma dualidade fundamental na teoria, sob a perspectiva de que a coexistência desses fatores nos leva ao real funcionamento da *langue*. *Langue* e *parole*, sincronia e diacronia, significante e significado, entre outros destes aspectos duplos serão discutidos a seguir.

2 DOIS

2.1 O duplo na teoria saussuriana

De acordo com Saussure, uma visão linguística que reforce a unicidade mostra “sinais de uma concepção diretamente falsa da língua” (2004, p. 42). A busca por uma forma, por uma ideia, por um significante ou por um significado cria, nos estudos que adotam esse viés, a ilusão de um objeto absolutamente contornado e que se basta em si mesmo. Neste capítulo, nosso objetivo delineia-se pela discussão de alguns pares presentes na teoria saussuriana, entendendo a natureza de suas relações e reforçando a necessidade delas – mediante suas complexidades – na constituição de conceitos fundamentais, assim como salientando a característica relacional indiscutível pela qual a *langue* se organiza.

A fim de contrapor o viés *uno* por meio do qual a rede conceitual saussuriana se estabeleceu com a publicação do *Curso* e com o consequente assentamento da dita linguística moderna, adotaremos a seguir o ponto de vista *dual*. É importante salientar que, mesmo que existam interpretações que direcionam um olhar dicotômico à linguística saussuriana, nossa proposta diz respeito à busca pelo entendimento em relação à natureza desses pares, sem pressupor dicotomias e antagonismos. Para isso, esse capítulo será organizado em duas principais discussões. Primeiramente, discutiremos acerca das noções de produção e percepção, das relações sintagmáticas e associativas, de sincronia e diacronia, de *langue* e *parole*, e de significante e significado a partir de fontes saussurianas, incluindo o *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1996), os *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 2004) e a edição crítica de Tullio De Mauro (Saussure, 2005). Em um segundo momento, pensaremos sobre o aspecto dual da linguagem em relação à figura vocal como tal e à figura vocal como signo, a partir do manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, presente nos *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 2004).

A leitura dicotômica da obra saussuriana remonta suas origens, de acordo com Defour (2000), no surgimento do estruturalismo que, entre outros movimentos, teve como objetivo a delimitação do objeto, fazendo com que áreas científicas ainda turvas, como a linguística, pudessem se tornar inteligíveis. Segundo Gomes da Silva (2011), em diversas áreas do conhecimento, uma abordagem dicotômica das teorias se configurou como a forma de pensamento legítima a ser seguida e, tendo isso em vista,

as ciências humanas não puderam escapar dessa tendência à binarização. Especificamente sobre a linguística, a pesquisadora afirma que, ao falarmos da *langue* a partir do viés saussuriano, estamos falando de um sistema aberto; Saussure, de acordo com sua leitura, encontra-se para além das dicotomias.

Neste capítulo, então, nos propomos a explorar o que há de duplo na teoria saussuriana, a partir das obras e conceitos apontados acima, buscando responder duas questões principais: estes pares possuem um caráter dicotômico, que pressupõe divisão e contrariedade, ou um caráter dual, que evoca àquilo que é formado por duas partes e, dessa forma, requer reciprocidade? E ainda, no que consiste a dupla essência da linguagem?

2.1.1 As duplas

Nesta seção, buscaremos evidenciar e discutir alguns pares presentes na leitura das principais fontes saussurianas, em especial no *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1996), obra mais difundida do pensamento saussuriano. Em razão de sua popularização no meio científico, por ser a primeira publicação que formaliza as aulas dadas nos cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure, muitos leitores acabam por interpretar, a partir da leitura do *Curso* (ou de parte dele), que a linguística saussuriana sugere um viés dicotômico. Nessa leitura, conhecidas duplas, como *langue* e *parole*, sincronia e diacronia, significante e significado, estariam em lados opostos e não complementares. Em sua essência, o termo *dicotomia* evoca aquilo que pressupõe uma divisão em dois, uma oposição entre dois aspectos e, ainda, uma classificação que contém apenas dois termos. Trabalharemos, neste momento, na discussão acerca dos pares que são trazidos ao longo da construção da teoria saussuriana, tomando como referência, nessa primeira seção, o *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1996). Estariam eles em uma relação dicotômica, que pressupõe um antagonismo entre dois aspectos e na qual há a desconsideração de um ou de outro, ou podemos olhar para esses pares sob um viés que considera a existência de uma dualidade, referindo-se a termos entre os quais há uma relação essencial?

A primeira referência ao duplo se faz presente no capítulo que discute o objeto da linguística, na *Introdução*, na afirmação de que “o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão

pela outra” (Saussure, 1996, p. 15), seguida de quatro exemplos dessas dualidades que fazem parte da essência do fenômeno linguístico: impressão acústica e produção vocal; unidade acústico-vocal (som) e unidade fisiológica e mental (ideia); o individual e o social; e a estabilidade e a evolução do sistema linguístico. O caráter relacional e, portanto, *dual* e não dicotômico desses aspectos se torna evidente quando:

Dessarte, qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se oferece integral o objeto da Linguística. Sempre encontramos o dilema: ou *nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assimiladas acima*, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de ideias heteróclitas, sem liame entre si (Saussure, 1996, p. 16, grifo nosso).

E ainda:

Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e toma-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, *entre tantas dualidades*, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e *fornece um ponto de apoio* satisfatório para o espírito (Saussure, 1996, p. 16-17, grifo nosso).

A partir dessas reflexões, que culminam na definição de *langue* como um produto social que faz parte da linguagem e que permite a *parole*, podemos perceber que ela, a *langue*, abrange – e necessita abranger – essas dualidades. Na primeira citação, a necessidade de olhar ao objeto da Linguística justamente a partir das dualidades é explicitada. Com base nos exemplos apresentados no *Curso*, nesse ponto de vista, torna-se inviável considerar o som apenas por sua acústica ou sua materialidade vocal; ele é constituído por ambos os aspectos. Da mesma maneira, som e ideia, individual e social, estabilidade e evolução não se separam; somente apresentam diferentes naturezas e características que em nenhum momento se anulam.

A segunda citação nos apresenta, portanto, de que forma podemos encarar essa problemática. Inseridos no terreno da *langue* é possível, a partir das reflexões que começam a ser tecidas (tanto no *Curso* como neste trabalho), entender seu funcionamento e como as dualidades se apresentam e se relacionam. É por esse ponto de vista, então, que encaramos a leitura do *Curso de Linguística Geral* e que,

consequentemente, exploramos esses aspectos que se apresentam de forma dupla, buscando entender como eles se manifestam no mecanismo da *langue*.

Além desses pares caracterizados como dualidades no próprio *Curso*, outros se fazem presentes durante a obra. Nos aprofundaremos, portanto, nos seguintes: produção e percepção; relações sintagmáticas e associativas; sincronia e diacronia; *langue* e *parole*; e significante e significado, pares conceituais de especial interesse à presente pesquisa.

2.1.1.1 *Produção e percepção*

A primeira evidência sobre a importância desse par é evocada, como tratamos acima, quando dualidades presentes no fenômeno linguístico são pontuadas no capítulo do *Objeto da Linguística*:

As sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um *n* existe somente pela correspondência desses dois aspectos. Não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal; reciprocamente, não se podem definir os movimentos dos órgãos vocais se se fizer abstração da impressão acústica (Saussure, 1996, p. 15-16).

Adotar um ponto de vista no qual a produção e a percepção de um som são relevantes pode parecer bastante óbvio, afinal é evidente que, ao falar, articulamos fonemas e conseguimos assimilar o que ouvimos por meio da percepção destes sons. Contudo, a ideia de que esses dois aspectos estão constantemente em dependência um do outro é fundamental para que consigamos entender noções e conceitos desenvolvidos ao longo da teoria saussuriana, como a natureza do significante, o circuito da *parole* e o recorte da unidade.

2.1.1.2 *Relações sintagmáticas e associativas*

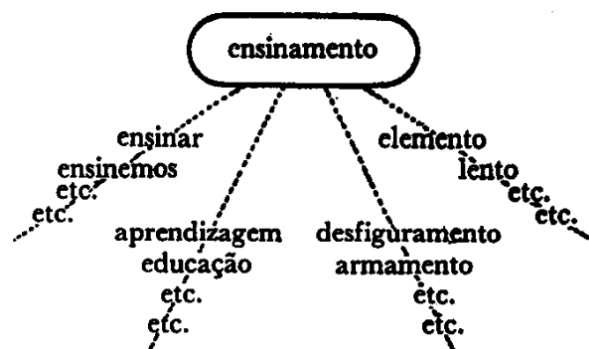
Nessa seção, nos aprofundaremos acerca do funcionamento das relações que compõem e que são indispensáveis no mecanismo da *langue*. Já sabemos, a partir do que discutimos na seção sobre valor linguístico, que elas se darão em duas

esferas: a sintagmática e a associativa. Cabe aqui, então, diferenciá-las a fim de detalhar suas particularidades.

As relações sintagmáticas se baseiam no caráter linear da *langue*, que diz respeito à cadeia de significantes que se constrói, apresentando seus elementos “um após o outro” (Saussure, 1996, p. 84). Tal característica torna impossível a pronúncia de dois ou mais unidades ao mesmo tempo. Elas se alinham na *parole*, formando combinações que tomam forma na extensão; são os sintagmas (Saussure, 1996, p. 142). É importante destacar que essas relações se dão com os signos linguísticos, ou seja, não se aplicam somente a palavras, mas a unidades complexas, menores, maiores ou iguais a palavras. Um signo só tem valor ao se opor ao signo anterior e ao signo seguinte: são relações que se dão *in praesentia*. O eixo sintagmático se dá, portanto, pela presença de dois ou mais termos em uma cadeia.

Em contrapartida, as relações associativas se dão *in absentia*. Fora da cadeia linear da *parole* em si – mas ainda dentro do circuito, como veremos mais adiante – outros signos se associam àqueles evocados por meio da virtualidade da *langue*. Na associação, a extensão da *parole* não está em jogo, mas o acesso ao tesouro linguístico de cada indivíduo como uma atividade mental. Dessa maneira, signos que se aproximam de alguma forma àquele em questão são evocados na concepção do valor linguístico. Essas relações podem se dar das mais diversas maneiras e pelas mais diversas razões: via radical, via sufixo, via significado, via significante (Saussure, 1996). Enquanto nas relações sintagmáticas há um limite palpável de relações, o eixo associativo cria uma rede livre de tamanho indefinido, conforme mostra a figura 6.

Figura 6 – Relações associativas



Fonte: Saussure (1996, p. 146)

Na introdução do *Cours de Linguistique Générale* elaborada por Tullio De Mauro (Saussure, 2005), o linguista acaba reforçando esse papel das relações sintagmáticas e associativas ao refletir acerca da *parole*. Ao discutir a variação de um signo em diferentes casos, ele ressalta que há mudança de sentido à medida que há mudança de contexto. Lemos contexto aqui como esse ambiente no qual um determinado signo é situado, que diz respeito àquilo que está à sua volta (os demais signos que o circundam), as relações sintagmáticas, e àquilo que se relaciona no nível mental, as relações associativas, em ausência (Saussure, 2005, p. VI). Um pouco mais adiante, De Mauro discorre sobre os fatos de *parole* serem nosso objeto ao olharmos para as variações que se apresentam de um (aparente) mesmo signo. O ponto de vista do qual será possível uma análise linguística pela teoria saussuriana não é a partir da substância psicológica ou a fônica, mas as diferenças evocadas pelos atos de *parole*. A identidade de um signo, portanto, se dará na *parole* por meio das diferenças que se criam pelas relações sintagmáticas e associativas, esses dois eixos que buscam formar o valor linguístico para esse signo.

2.1.1.3 Sincronia e diacronia

É possível que um dos temas mais comumente classificado como uma “dicotomia saussuriana” seja em relação à sincronia e à diacronia. No *Curso*, esses dois aspectos são colocados como uma dualidade desde os títulos das seções que se destinam a definir e diferenciar as noções que, mais tarde, darão origem à sincronia e à diacronia.

Como abertura da reflexão, temos que “a intervenção do fator tempo é de molde a criar, para a Linguística, dificuldades particulares, e que ela lhes coloca a ciência frente a *duas rotas absolutamente divergentes*” (Saussure, 1996, p. 94, grifo nosso). O tempo se mostra agente de um efeito radical ao tratarmos da *langue*, ou seja, quando estamos situados no campo da Linguística. Tal problemática não parece ocupar um lugar de relevância em outras ciências, tendo em vista que, ao ser evidenciado, o tempo acaba ou sendo irrelevante no desenvolvimento dos estudos e teorias, ou separando dois campos diferentes dentro de uma mesma área. Ora, na Linguística, nos vemos diante de duas partes que possuem seus princípios próprios.

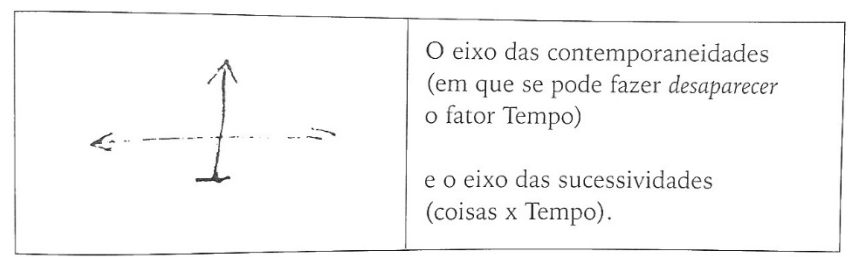
Tal elaboração teórica se faz explícita em passagens como a que destacamos a seguir:

Acrescentemos ainda que quanto mais um sistema de valores seja complexo e rigorosamente organizado, tanto mais necessário se faz, devido à sua complexidade, estudá-lo sucessivamente *segundo seus dois eixos*. [...] A multiplicidade dos signos, já invocada para explicar a continuidade da língua, nos impede absolutamente de estudar-lhe, ao mesmo tempo, as relações no tempo e no sistema (Saussure, 1996, p. 96, grifo nosso).

Dessa forma, se distinguem duas linguísticas, que se opõem e se cruzam, tendo em vista que dizem respeito a “duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto” (Saussure, 1996, p. 96). Nomeia-se, então, a linguística sincrônica e a linguística diacrônica. A primeira refere-se ao que se relaciona com o que é estático, ao estado de *langue*; e a segunda refere-se às evoluções.

Nos *Escritos de Linguística Geral*, nas *Notas Preparatórias para os Cursos de Linguística Geral*, Saussure disserta acerca dessas abordagens, esboçando dois eixos dos quais as “coisas existem”, o eixo das contemporaneidades e o eixo das sucessividades (Saussure, 2004, p. 286):

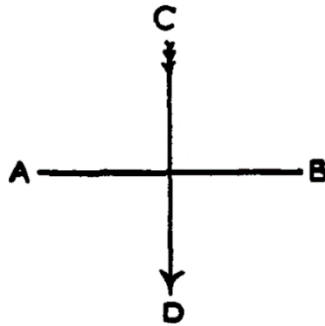
Figura 7 – Eixos *Escritos de Linguística Geral*



Fonte: (Saussure, 2004, p. 287)

Vemos a “transformação” dessa proposta de Saussure no *Curso de Linguística Geral*, mostrando os eixos sobre os quais estão situados os objetos de que tratamos são propostos:

Figura 8 – Eixos Curso de Linguística Geral



Fonte: (Saussure, 1996, p. 95)

O eixo AB é caracterizado como o eixo das simultaneidades, no qual as intervenções do fator tempo se excluem; e o eixo CD refere-se ao eixo das sucessividades, sobre o qual se considera uma coisa por vez, levando em conta suas devidas transformações. Esses eixos se colocam, metodologicamente, no fazer científico de forma geral. Ao tomarmos a *langue* como objeto, precisamos ter em mente que ela é um sistema no qual os termos são determinados no estado momentâneo e que, ao estudar as mudanças que ocorrem no tempo, ainda precisamos nos ancorar no sistema de valores contemporâneos. Essa reflexão, aos poucos, aponta para a necessidade de considerar que esses dois eixos se complementam, ainda que tenhamos que destinar olhares sucessivos a eles.

Nota-se que esses dois exemplos de vieses adotados, que objetivam o estudo da *langue*, não parecem abranger a totalidade do fenômeno linguístico; não há uma distinção evidente entre estados e evoluções. Essa oposição entre os dois pontos de vista – sincrônico e diacrônico – é absoluta e irreduzível e é nesse ponto, portanto, que a linguística saussuriana reflete como esses dois eixos podem operar a partir de suas diferenças para que a complexidade do objeto seja compreendida.

Quanto à sincronia, se nos colocamos do ponto de vista do sujeito falante, deparamo-nos com um estado de *langue* – nesse momento, a sucessão dos fatos no tempo não é considerada conscientemente pela massa de sujeitos falantes. Ocupamo-nos, aqui, de relações que unem termos coexistentes que, por sua vez, constituem o sistema e, dessa forma, são percebidos pela consciência coletiva. Não é possível que não nos coloquemos nesse lugar; é inviável descrever a *langue* ou fixar normas de seu uso sem nos situarmos num estado determinado. Dessa forma, ao

pensarmos na diacronia, tomando-a como um eixo que evidencia uma série de acontecimentos que modificam a *langue*, a vemos como um aspecto que não possui seu fim em si mesmo e, sendo assim, não se basta por si só. A diacronia toma-se das relações que unem termos que se sucedem no tempo e que não são percebidos por uma só mesma consciência coletiva; as mudanças funcionam de forma a substituir termos e a reacomodar um sistema existente.

Percebemos que as oposições entre esses dois eixos são presentes; suas naturezas se mostram absolutamente distintas. Contudo, em nenhum momento, nos deparamos com a negação de uma à outra:

[...] a antinomia radical entre o fato evolutivo e o fato estático tem por consequência fazer com que todas as noções relativas a um ou ao outro sejam, na mesma medida, irreduzíveis entre si. [...] Assim é que o “fenômeno” sincrônico nada tem em comum com o diacrônico, um é uma relação entre elementos simultâneos, o outro, a substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento (Saussure, 1996, p. 107).

Ao desenvolver e nomear as leis sincrônica e diacrônica, comparando-as com as leis sociais que, por sua vez, apresentam duas características (imperativas e gerais), a necessidade do exercício didático de separar essas duas esferas se mostra de forma evidente: “As leis da língua respondem a tal definição? Para sabê-lo, a primeira coisa a fazer, segundo o que se acabou de dizer, é separar uma vez mais as esferas do sincrônico e do diacrônico” (Saussure, 1996, p. 107). Estamos diante de um exercício didático a todo momento em que promovemos essa separação.

A partir de alguns exemplos provenientes do grego descritos no capítulo *A Linguística Estática e a Linguística Evolutiva* do *Curso de Linguística Geral*, leis, que se mostram tanto da ordem da sincronia quanto da diacronia, são percebidas e, vale salientar, apresentam-se entrelaçadas. Seis leis são assinaladas:

1. As sonoras aspiradas do indo-europeu se tornaram surdas aspiradas: **dhūmos* → *thūmós*, “sôpro de vida”; **bherō* → *pherō*, “levo” etc.
2. O acento nunca vai além da antepenúltima sílaba.
3. Todas as palavras terminam por vogal, ou por *s*, *n*, *r*, com exclusão de qualquer outra consoante.
4. O *s* inicial antes de vogal se transformou em *h* (espírito rude): **septm* (latim *septem*) → *heptá*.
5. O *m* final se transformou em *n*: **jugom* → *zugón* (cf. latim *jugum*).
6. As oclusivas finais caíram: **gunaik* → *gúnai*; **epheret* → *éphere*; **epheront* → *épheron*.

(Saussure, 1996, p. 108)

De acordo com essa análise, mudanças fonéticas, como de *dh* para *th* ou *bh* para *ph* (lei 1), *s* para *h* (lei 4), *m* para *n* (lei 5) ou apagamentos (lei 6), mostram-se baseadas por leis diacrônicas. O fator dinâmico característico da diacronia, quando analisamos essas alterações fonéticas, é ressaltado e, por meio dele, notamos a evolução dessas características fônicas no tempo.

Por outro lado, mudanças no acento ou na articulação de fonemas, como nas leis 2 e 3, baseiam-se em leis sincrônicas. Notamos nelas um caráter geral que rege a *langue*; 2 e 3 caracterizam-se como regras que estabelecem o funcionamento da língua em questão, o grego.

É importante ressaltar que tal separação não passa de um exercício didático, pois: “Cumpre-se assinalar, além disso, que 3 é o resultado de 5 e 6: dois fatos diacrônicos criaram um fato sincrônico” (Saussure, 1996, p. 108). As seis regras descritas se entrelaçam a todo momento e, reciprocamente, se convocam no mecanismo da *langue*.

Para sintetizar teoricamente o que analisamos a partir desses exemplos, podemos dizer que o princípio sincrônico é uma lei geral: ela impõe-se aos indivíduos pelo uso coletivo, mas não garante uma mudança linguística; ela comprova um estado de *langue*. O princípio diacrônico, por sua vez, possui caráter imperativo: supõe um fator dinâmico e acidental que depende da sincronia para que sua noção seja aplicada na história da *langue*, tendo em vista que, em um primeiro momento, é necessário que a mudança seja situada em um tempo determinado.

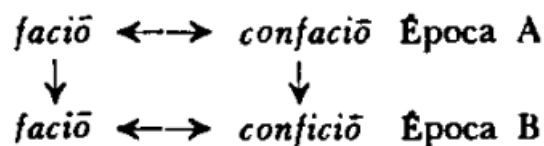
A sincronia, portanto, mostra regularidade, um caráter geral, enquanto a diacronia impõe os fatos à *langue*, um caráter imperativo. Ao falarmos das leis linguísticas, portanto, chegaremos em lugares diferentes se aplicarmos uma análise a partir de um ponto de vista ou de outro – o que não quer dizer que tais resultados serão conflitantes, apenas diferentes.

Concluindo essa reflexão, no *Curso*, as possíveis confusões entre sincronia e diacronia são abordadas a partir de dois casos. Primeiramente, considera-se que “a verdade sincrônica parece ser a negação da verdade diacrônica e, vendo as coisas superficialmente, parecerá a alguém que cumpre escolher entre as duas; de fato, não é necessário; uma das verdades não exclui a outra” (Saussure, 1996, p. 112). Percebemos isso no momento em que, para a existência de um fato histórico que importe e que baste para constituir a *langue*, é necessário considerar o sistema num

dado momento. Do ponto de vista da busca pela origem dos termos, diversos fatores diacrônicos serão evidenciados; contudo, é a consciência linguística que aproxima esses fatores e permite que sejam reconhecidos. Uma verdade, portanto, “é tão absoluta e incontestável quanto a outra” (Saussure, 1996, p. 113).

Em um segundo caso, reflete-se sobre a confusão que pode acontecer ao colocar sincronia e diacronia em uma concordância absoluta. Por exemplo, pode-se acreditar que o sentido atual correspondente a um significante equivale ao significado correspondente a outro significante em um tempo passado. Um exemplo, trazido no *Curso*, nos evidencia esses processos sincrônicos e diacrônicos:

Figura 9 – Exemplo de sincronia e diacronia



Fonte: (Saussure, 1996, p. 113)

Há, evidentemente, uma relação entre *faciō* e *confaciō*, à medida que um termo convoca outro na concepção de seus valores. Ao compararmos duas épocas diferentes, ou seja, quando o fator de passagem do tempo se faz presente, vemos que houve uma transformação de natureza diacrônica em relação a *confaciō*, que se torna *conficiō*, enquanto *faciō* se mantém inalterado: “ao lado dessa transformação, naturalmente diacrônica, existe um segundo fato de todo distinto do primeiro e que concerne à oposição puramente sincrônica entre *faciō* e *conficiō*” (Saussure, 1996, p. 114, grifo nosso).

A partir dessas reflexões podemos perceber o caráter *dual* presente nos aspectos sincrônicos e diacrônicos da Linguística. A separação de sincronia e diacronia se dá, portanto, como um exercício didático e, pela linguística saussuriana, como uma questão de ordem metodológica, como uma resposta de Saussure à linguística do século XIX. Há, portanto, uma renovação de método pela qual essa segmentação em sincrônico e diacrônico auxiliaram Saussure, e segue nos

auxiliando, na metodologia de delimitação do ponto de vista assumido e, conseqüentemente, do objeto assim delimitado. Contudo, essas duas ordens de fenômenos encontram-se estreitamente ligadas no funcionamento da *langue*, ainda que mostrem características e naturezas absolutamente diferentes – uma condiciona a outra e, com exceção de exercícios didáticos, “acaba-se por acreditar que não vale a pena distingui-las; de fato, a Linguística as confundiu durante decênios sem perceber que seu método não era válido” (Saussure, 1996, p. 114).

2.1.1.4 *Langue e parole*

Outro par que ganha bastante destaque nas discussões acerca da teoria saussuriana diz respeito à *langue* e à *parole*. Normalmente, leituras que colocam esses dois conceitos como dicotômicos propõem que Saussure teria dado ênfase à *langue* e deixado de lado os aspectos ligados à *parole*. Nesta seção, portanto, nos propomos a pormenorizar esses conceitos, suas naturezas e as relações que estabelecem entre si.

Como parte da *Introdução do Curso de Linguística Geral*, nos é apresentado o capítulo *Linguística da Língua e Linguística da Fala*, que, em suas páginas de abertura, já anuncia o ponto de vista duplo sobre o qual refletiremos:

O estudo da linguagem comporta, portanto, *duas partes*: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física (Saussure, 1996, p. 27, grifo nosso).

Após essa breve diferenciação entre *langue* e *parole*, dando destaque às suas naturezas respectivamente social e individual, uma afirmação já reforça o caráter relacional entre esses dois aspectos da linguagem:

Sem dúvida, esses *dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente*; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça. [...] Existe, pois, *interdependência da língua e da fala*; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. *Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas* (Saussure, 1996, p. 27, grifo nosso).

Tratemos de diferenciá-las, então. A *langue* é o produto social da linguagem; diz respeito a um conjunto de convenções necessárias e essenciais adotadas pelo corpo social que permitem o exercício da faculdade de linguagem nos indivíduos. Enquanto a linguagem se mostra como a possibilidade do ser humano em constituir um sistema simbólico, a *langue* consiste, portanto, em um sistema de significantes distintos que correspondem a significados distintos. Dessa forma, ela é adquirida e convencionada, sendo uma instituição social que se apoia em uma materialidade (Saussure, 1996, p. 17-18).

A *langue* existe na coletividade: esse sistema de signos é – e deve ser – comungado entre os indivíduos. Ainda que esse sistema esteja depositado de forma individual em cada um, seus valores são comuns ao coletivo. Uma ilustração nos permite visualizar esse funcionamento:

Figura 10 – *Langue*

$$1 + 1 + 1 + 1 \dots = \mathbf{I} \text{ (padrão coletivo)}$$

Fonte: (Saussure, 1996, p. 27)

Por outro lado, a *parole* compreende as combinações individuais que dependem de cada sujeito falante, assim como também envolve os atos de fonação necessários para sua execução. Dessa forma, a coletividade – característica essencial da *langue* – não existe na *parole*. A individualidade, por essa perspectiva, é evidenciada e somam-se os casos particulares. A partir dessas imagens, podemos refletir que já não tratamos apenas de uma unidade isolada, de um objeto contornado e que se basta, mas de várias unidades que se relacionam na constituição de um sistema.

Figura 11 – *Parole*

$$(1 + 1' + 1'' + 1''' \dots)$$

Fonte: (Saussure, 1996, p. 28)

Diante dessas naturezas distintas, uma bifurcação parece se apresentar como possibilidade de tomada de dois pontos de vista diferentes dentro dos estudos da linguagem. Dessa forma, a Linguística acaba por tomar como objeto a *langue*¹². Porém – e isso é evidenciado no *Curso* –, nas demonstrações que se fazem relevantes em diversas reflexões em relação à *langue*, é possível que seja preciso pedir “luzes ao estudo da fala”, e se mostra necessário realizar um esforço “para jamais transpor os limites que separam os dois domínios” (Saussure, 1996, p. 28).

Ora, a partir dessa afirmação, podemos perceber que, mesmo estando evidente que *langue* e *parole* se diferenciam, torna-se difícil discutir sobre um aspecto sem recorrer ao outro. Tal desafio torna inegável o fato de que estamos diante de uma característica *dual* do estudo da linguagem, e não de dois pontos de vista que se opõem ou que se anulam mutuamente.

2.1.1.5 Significante e significado

Significante e significado são dois conceitos desenvolvidos a partir da linguística saussuriana que se destacam ao tomarmos essa teoria como referência, pois são caracterizados como as duas faces que formam o signo linguístico. Esta seção propõe-se a discutir acerca de suas naturezas com o objetivo de refletir sobre suas relações, convergências e diferenças enquanto uma dualidade presente na teoria saussuriana.

No *Curso de Linguística Geral*, somos convocados a refletir sobre o significante e o significado em diversas passagens espalhadas ao longo da obra. É justamente reunindo essas reflexões que entenderemos o caráter linguístico que perpassa por essas noções. Contudo, há, no primeiro capítulo da primeira parte do *Curso*, uma seção dedicada especificamente a esses conceitos e que ganha importância por nomeá-los como significante e significado. Começemos por ela.

Como já discutido no capítulo anterior, o signo linguístico diz respeito à unidade linguística dupla, que se constitui a partir da união de dois termos, na qual ambos são

¹² É importante ressaltar que, como apontam os editores do *Curso* no prefácio à primeira edição, um curso que discutisse a linguística da *parole* foi prometido aos alunos do terceiro, e último, curso (Saussure, 1996, p. 4).

psíquicos. Já podemos ressaltar, portanto, que tanto significado quanto significante apresentam, em alguma medida, um caráter abstrato.

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão *psíquica* desse som, a representação que dele nos dá testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chama-la de material, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo de associação, o conceito, geralmente *mais abstrato* (Saussure, 1996, p. 80, grifo nosso).

Nessa passagem, anterior à discussão terminológica que busca unificar as oscilações de nomenclatura, o conceito refere-se a significado, enquanto imagem acústica a significante. Nota-se que nela, assim como nesse trabalho, o significante parece pedir por uma reflexão um pouco mais aprofundada, enquanto o significado define-se como aquilo que é mais abstrato do que o significante. Nossa hipótese é de que, por englobar tanto uma natureza abstrata quanto uma natureza concreta, a discussão acerca do significante necessita de maior investigação.

Ao ler a teoria saussuriana apressadamente, pode-se interpretar que o significante diz respeito àquilo que é concreto da *langue*, enquanto o significado encarrega-se do que é abstrato. Dessa maneira, tais conceitos poderiam até serem passíveis de uma interpretação dicotômica. Contudo, não é o que parece se apresentar em diversas passagens do capítulo da natureza do signo linguístico presente no *Curso de Linguística Geral*, o que costuma ser a leitura introdutória acerca desses conceitos.

Na citação trazida acima, podemos ressaltar dois pontos importantes: significante e significado são abstratos; e o significante, além de abstrato, também engloba o aspecto sonoro em sua materialidade, em sua concretude. Nas discussões acerca da teoria saussuriana, não parecem haver grandes questionamentos a respeito de o significado ser de natureza abstrata e o significante de natureza concreta. O que parece ganhar pouca atenção é o fato de que o significante também é abstrato – mesmo que tal característica seja destacada desde o princípio.

O caráter abstrato do significante, diversas vezes nomeado como psíquico no *Curso*, é exemplificado por meio da virtualidade da *langue*: “Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recital mentalmente um poema” (Saussure, 1996, p. 80). Além disso, para que o significante não seja equivalente ao puro som

material, é preciso que essa natureza abstrata que o compõe seja percebida. Para diferenciar-se e não ser tomado exclusivamente como a parte material do signo linguístico, consideramos que o aspecto abstrato é intrínseco ao significante e é por meio dele que teremos, nessa face do signo linguístico, uma potência de representação simbólica e, no caso da *langue*, linguística.

Em nota de rodapé inserida pelos editores no *Curso*, essa complexa natureza do significante (ainda nomeado como imagem acústica) é descrita:

O termo de imagem acústica parecerá, talvez, muito estreito, pois, ao lado da representação dos sons de uma palavra, existe também a de sua articulação, a imagem muscular do ato fonatório. [...] A imagem acústica é, por excelência, a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala. O aspecto motor pode, então, ficar subentendido ou, em todo caso, não ocupar mais que um lugar subordinado em relação à imagem acústica (Saussure, 1996, p. 80).

Nessa passagem, é evidente a diferenciação do significante em relação à materialidade. É inegável que ela exista e, mais do que isso, que se faça extremamente necessária; porém não é correspondente ao significante, mas parte dele. Isso faz do significante, portanto, uma face do signo linguístico que comporta uma natureza concreta e, ao mesmo tempo, abstrata. É somente dessa forma que poderá ligar-se ao significado e constituir, portanto, o signo linguístico, uma “entidade psíquica de duas faces” na qual “esses dois elementos estão intimamente ligados” (Saussure, 1996, p. 80).

No capítulo do valor linguístico, importante parte do *Curso de Linguística Geral*, como já ressaltado nesse trabalho, o significante também ganha destaque:

Isso [o valor para além do aspecto material] é ainda mais verdadeiro no que respeita ao significante linguístico; em sua essência este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras (Saussure, 1996, p. 138).

Ora, essa passagem nos mostra que o aspecto concreto do significante é necessário na identificação das diferenças fônicas entre signos; mas o valor linguístico e o recorte das unidades, fatores necessários para a existência da *langue*, dependem das diferenças simbólicas que se deslocam a partir das diferenças materiais. Temos aqui o enlace da natureza abstrata e concreta da *langue*, tendo em vista que ela não comporta tais elementos em desenlace. Ideias ou sons preexistentes ao sistema

linguístico não conseguem tornar-se parte dele, mas apenas diferenças conceituais e fônicas, abstratas e concretas simultaneamente.

Significante e significado colocam-se, portanto, em lados opostos, dicotômicos? De acordo com as reflexões saussurianas, conforme buscamos mostrar, não. Olhamos para as faces do signo linguístico de forma a enxergar uma união dessas naturezas concreta e abstrata; e é somente a partir disso que conseguem fazer parte da *langue*, um sistema que prevê elementos articulados por uma noção de valor que se dá por meio do contraste entre diferenças.

2.1.2 Sobre a Essência Dupla da Linguagem

As reflexões acerca do som e do sentido são extremamente caras ao desenvolvimento tanto da teoria saussuriana, quanto desse trabalho. Traremos nesta seção discussões a partir de algumas das passagens do *Curso de Linguística Geral* nas quais esses aspectos são colocados em evidência, e, a seguir, faremos um aprofundamento nesse tema a partir da fonte saussuriana *Sobre a Dupla Essência da Linguagem*, tendo em vista o conteúdo presente no manuscrito.

Esses dois aspectos se articulam de forma a constituírem uma unidade complexa; dessa forma, sua relação é fundamental.

Mas admitamos que o som seja uma coisa simples: é ele quem faz a linguagem? Não, não passa de um instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. Surge daí uma nova e temível *correspondência*: o som, unidade complexa acústico-vocal, *forma por sua vez, com a ideia, uma unidade complexa, fisiológica e mental* (Saussure, 1996, p. 16, grifo nosso).

Ao pensarmos na composição da unidade linguística a partir do som e do sentido, outras passagens do *Curso* que evocam esse caráter dual chamam nossa atenção. No capítulo que trata sobre a natureza do signo linguístico, sua descrição evoca a dualidade em mais de um momento. Três ocorrências presentes nesse capítulo se destacam: “a unidade linguística é uma coisa *dupla*, constituída da *união de dois termos*” (Saussure, 1996, p. 79, grifo nosso), “uma entidade psíquica de *duas faces*” (Saussure, 1996, p. 80, grifo nosso), e “Esses *dois* elementos estão intimamente unidos e *um reclama o outro*” (Saussure, 1996, p. 80, grifo nosso). Além

disso, no capítulo seguinte, sobre imutabilidade e mutabilidade do signo, outra passagem se sobressai ao fazer referência à matéria fônica (som) e às ideias (sentido): “esses *dois* elementos *unidos* nos signos guardam sua vida própria...” (Saussure, 1996, p. 91, grifo nosso).

No *Curso*, parece que o som e o sentido, como dualidade, se relacionam como forma de conceber uma unidade. *União* de dois termos, uma *entidade* de duas faces, intimamente *unidos*. A relação entre essa dupla, portanto, é o centro da questão. Dessa forma, som e sentido, ao tomarmos o ponto de vista da linguística saussuriana, não se separam e, muito menos, se opõem; mas se relacionam intimamente para que fundamentem o fenômeno linguístico. Vejamos como essa relação se dá a partir de outra importante fonte saussuriana.

Sobre a Essência Dupla da Linguagem diz respeito a um dos manuscritos saussurianos que compõem os *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 2004), publicados pela primeira vez na França, em 2002. Nessa obra, diferentemente do que testemunhamos ao ler o *Curso de Linguística Geral*, nos deparamos com fragmentos da construção teórica de Saussure, por vezes organizada em forma de texto – o que é o caso de grande parte do manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem* – e, por vezes, a quase configurar um quebra-cabeças ao leitor¹³. O acesso a esse tipo de obra possibilitou uma outra forma de olhar para a teoria saussuriana, ao passo que o leitor se vê convocado a refletir a partir de notas redigidas por Saussure, revelando pensamentos que vão e voltam, sem que um texto organizado e definitivo seja oferecido. Dessa forma, somos convidados, a partir da leitura desses manuscritos, a testemunhar a maneira pela qual Saussure desenvolveu a teoria que, após seu falecimento, passou pelo processo de didatização, pelas mãos de Bally e Sechehaye, e tornou-se acessível por meio do *Curso de Linguística Geral*.

Ao longo desses materiais, manuscritos e textos que compõem os *Escritos*, percebemos, em Saussure, um linguista em vias de refletir acerca da materialidade

¹³ Em um capítulo de livro destinado a discutir o manuscrito, Milano (2022) tece reflexões acerca de sua origem e conteúdo. Os manuscritos saussurianos que compõem os *Escritos de Linguística Geral*, incluindo *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, foram encontrados em 1996, por Bouquet e Engler, em um grande envelope com maços de folhas, nas quais as expressões “Da dupla essência da linguagem”, “Dupla essência” e “Essência dupla” eram recorrentes. Como identificação desse envelope, havia uma etiqueta com o escrito “Ciência da linguagem”. Atualmente, esse material encontra-se na Bibliothèque de Genève, registrado como *Arch. de Saussure 372*, e contamos com as edições em língua francesa de Bouquet e Engler (*Écrits de Linguistique Générale*, 2002) e de Amacker (*Science du langage. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. De Saussure 372*, 2011) e com a tradução para língua portuguesa, os *Escritos de Linguística Geral* (Milano, 2022).

da *langue*, do sujeito falante e da problemática entre som e sentido – o que será nosso ponto principal nessa seção. A discussão que pretendemos realizar a seguir, portanto, parte das reflexões presentes no manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, no que tange o estabelecimento de dois pontos de vista distintos: aquele que pressupõe o som como tal, como pura materialidade; e aquele que vê o som como signo, revestido tanto de aspectos concretos, como de abstratos. É a partir disso que elucidaremos o viés pelo qual a teoria saussuriana se propõe a olhar a linguagem – viés pelo qual a materialidade dos sons é vista para além da figura vocal, mobilizando as concepções de signo linguístico, de unidade e de valor.

Descoberto em 1996 e parte do acervo da *Bibliothèque Publique et Universitaire* em Genebra, *Sobre a Essência Dupla da Linguagem* é o primeiro manuscrito que compõe os *Escritos de Linguística Geral*. Na exploração desse material e nas discussões que serão propostas a partir dele, utilizaremos a tradução para língua portuguesa (Saussure, 2004), assim como algumas publicações de Stawinski (2016; 2019), pesquisadora que, ao voltar seu olhar à noção de escuta na linguística saussuriana, promoveu exploração exemplar do manuscrito aqui em questão. Partiremos, portanto, de uma interrogação: em que consiste a essência dupla da linguagem destacada por Saussure?

Como abertura desse manuscrito, é anunciada uma das premissas que guiarão as discussões propostas em *Sobre a Essência Dupla da Linguagem* e, dessa forma, nessa seção: “É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro” (Saussure, 2004, p. 21).

A linguística, assim como seu objeto, então, se constitui dentro de uma “dualidade incessante” (Saussure, 2004, p. 21), configurando-se como uma ciência absolutamente particular, tendo em vista que necessita da “associação de dois elementos heterogêneos” (Saussure, 2004, p. 21). Estamos falando aqui de forma e sentido, e de como, na constituição da linguística enquanto ciência a partir do viés saussuriano, esses fatores são, e devem ser, intrínsecos um ao outro. Durante essa reflexão, Saussure reforça a presença desse aspecto na concepção do signo linguístico: “[...] os dois elementos da palavra estão, reciprocamente, na ordem

espiritual; nosso ponto de vista constante será dizer que, não apenas a significação, mas também o signo, é um puro fato de consciência”¹⁴ (Saussure, 2004, p. 22).

Essa maneira pela qual a linguística organiza seu campo de estudo, de acordo com Saussure, se situa no extremo oposto de outras ciências que têm como objetos fatos físicos. Dessa forma, exemplos a partir da exploração fonética da linguística são trazidos.

Uma sucessão de sons vocais, por exemplo mer (m + e + r) é, talvez, uma entidade que regressa ao domínio da acústica, ou da fisiologia; ela não é, *de jeito nenhum, nesse estado*, uma entidade linguística.
Uma língua existe se, à m + e + r, se vincula uma ideia (Saussure, 2004, p. 23, grifos nossos).

Acreditamos que a expressão “nesse estado” destacada na citação anterior faz referência a um olhar que, desvinculado de qualquer aspecto abstrato, considera a pura acústica ou a pura fisiologia; o som visto apenas por esse viés, “nesse estado”, portanto, não faz parte da *langue* e, por conseguinte, não interessa aos estudos linguísticos. Uma sequência de sons, vista por si mesma em suas características fisiológicas e acústicas, não se mostra relevante se não pelo fato de ser a materialidade necessária para a existência da *langue*.

A partir dessa constatação, algumas discussões são abertas por Saussure. Primeiramente, de que toda e qualquer entidade linguística é dada pelo sentido; o aspecto abstrato, que se costura na materialidade do signo, é, dessa forma, sempre levado em conta. Uma segunda afirmação nos diz sobre o fato de que nenhuma entidade linguística é simples, por mais que seja referente a uma “simples expressão, ela exige que se leve em conta, ao mesmo tempo, um signo e uma significação¹⁵, e que contestar essa dualidade ou esquecê-la equivale diretamente a privá-la de sua existência linguística, atirando-a, por exemplo, ao domínio dos fatos físicos” (Saussure, 2004, p. 23). Percebemos aqui, então, o caráter fundamental da dualidade significante-significado na concepção de *langue*.

Dessa maneira, é apresentado em que consiste a essência dupla da linguagem, o seu dualismo:

¹⁴ Nessa citação, é importante ressaltar que, como dito anteriormente, os *Escritos de Linguística Geral* mostram a construção de pensamento de Saussure. Sendo assim, a terminologia presente nesses manuscritos oscila. Nessa passagem, palavra refere-se ao que nomeamos de signo linguístico, significação de significado e signo de significante.

¹⁵ Novamente, em função da oscilação terminológica utilizada por Saussure, sugerimos ler aqui, respectivamente, significante e significado.

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciosa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato “físico” do som por oposição ao fato “mental” da significação (Saussure, 2004, p. 24).

Aqui constatamos, mais uma vez, que, no signo linguístico, não há a junção de uma ideia a um som, de um fator puramente abstrato a outro puramente concreto. A essência dupla da linguagem, longe de representar uma dicotomia, está na dualidade característica e fundante do significante linguístico, que demanda tanto forma, como sentido. De acordo com a leitura de Stawinski, há “a indissociabilidade da relação *forma-sentido*, visto que separá-los seria eliminar sua própria existência. *Forma-sentido* são os dois lados da mesma moeda, a moeda que tem valor no sistema da língua” (Stawinski, 2016, p. 60).

A oposição, pela qual talvez seja possível dirigir um olhar dicotômico, se dá entre a figura vocal como tal – referente ao invólucro material que, tratando-se de um fenômeno vocal por si só, não possui estatuto linguístico – e a figura vocal como significante – o qual está inserido no jogo de valores da *langue*, promovendo relações e oposições e, para isso, evoca aspectos simbólicos, junto à materialidade necessária. À medida que enxergamos o significante como forma-sentido, já não o vemos como pura figura vocal pois, se assim fosse, seria “independente de toda língua” (Saussure, 2004, p. 28).

É importante ressaltar que, ao falar da pura materialidade, Saussure faz uso, na grande maioria dos casos, de expressões que evoquem *som* e/ou *vocal* em *si mesmos*, como exemplificamos nas citações 1, 2 e 3 a seguir. O estado de não-pertencimento dessas entidades puramente materiais na *langue* é reforçado em algumas passagens presentes no manuscrito. Vale destacar que o termo *forma* nunca é utilizado para caracterizar essa materialidade.

1. “[...] as entidades de *ordem vocal* não são entidades linguísticas” (Saussure, 2004, p. 34).
2. “[...] em nenhum momento, um *som*, *em si mesmo*, é dado como unidade morfológica” (Saussure, 2004, p. 28).
3. “Os fatos de fala, *tomados em si mesmos*, que por si só certamente são concretos, se veem condenados a não significar absolutamente nada” (Saussure, 2004, p. 33).

4. “FORMA. – Não é jamais sinônimo de figura vocal.
 - Supõe, necessariamente, a presença de um sentido ou de um emprego;
 - Pertence à categoria de fatos INTERIORES.” (Saussure, 2004, p. 74).

Já ao falar de *forma*, passamos a considerar a relação forma-sentido e, assim, entramos, como reforça Stawinski (2016, p. 62) no “terreno da língua”. Essa *forma*, de acordo com Saussure (2004), não pode ser definida pela figura vocal como tal, mas apenas a partir do dado semiológico. Esse dado aparece à medida que não definimos o significante enquanto matéria, mas enquanto *forma*, considerando aspectos materiais e simbólicos simultaneamente. Dessa maneira, a figura vocal torna-se *forma* a partir de sua introdução no “jogo de signos que se chama língua” (Saussure, 2004, p. 38). Tendo em vista que a *langue* se constitui por um sistema de unidades que precisam se delimitar a partir de suas relações, a *forma* é determinada na consciência do sujeito falante e adquire identidade pela diferença com outras formas (assim como, do outro lado, a diferenciação de significados também se articula no estabelecimento da unidade linguística).

A partir da discussão proposta nesse manuscrito, podemos concluir que forma e sentido não se opõem e, sendo assim, não constituiriam uma “dicotomia saussuriana”. A essência dupla da linguagem diz da necessidade de considerar o conjunto de relações complexas que são estabelecidas na concepção da *langue*. Essas relações, portanto, apontam para a noção de que *forma* e sentido são indissociáveis e, só assim, possuem um estatuto linguístico.

Podemos, a partir disso, pensar na ideia de que essa essência dupla consiste em uma forma a constituir, praticamente, uma coisa só. Nas reflexões que promovemos com base no manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, vemos forma e sentido em uma relação intrínseca; em uma relação que, para ser linguisticamente válida, não pode ser desfeita. Nesse sentido, Milano (2020) disserta acerca da grafia dessa relação como *duplessência*, proposta terminológica discutida em grupo de pesquisa e registrada nos trabalhos de Milano (2017a), Stawinski (2019; 2020) e Frydrych (2020). Alguns pontos sugerem a validade dessa proposta: primeiramente, na experiência cotidiana de escuta (empírica mesmo), o termo *duplessência* foi ganhando destaque ao longo do tempo como forma de nomeação do referido manuscrito. Além disso, alguns registros de Saussure também apontam para essa condensação: o uso da expressão *Del’essence double* nos envelopes dos manuscritos mostram essa possível união terminológica que, ao pensarmos

teoricamente, é representante dessa essência dupla (Milano, 2022; Frydrych, 2020). A *duplessência* da linguagem é constitutiva da noção de unidade – é preciso, pelo menos, dois para ser um.

2.2 Encaminhamentos

Neste capítulo, pudemos nos aprofundar nas discussões acerca do caráter dual da teoria saussuriana, discorrendo sobre os principais pares com base no *Curso de Linguística Geral* e investigando o importante manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*. Com base nesse estudo seguindo a teoria proposta por Saussure, podemos dizer que na *langue* não existem dicotomias, mas dualidades. Destacamos, assim, a relação mútua, recíproca e não excludente que faz parte da natureza dos pares aqui dissertados.

Nossa principal conclusão, com apoio substancial em *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*, refere-se ao caráter concreto e abstrato da *langue*. Discutindo, ao longo desse capítulo, sobre produção e percepção, relações sintagmáticas e associativas, sincronia e diacronia, *langue* e *parole*, e significante e significado, pudemos constatar que aspectos concretos e abstratos estão, a todo momento, costurados na definição dos elementos que compõem a teoria saussuriana. Eles, em nenhum momento, se opõem; pelo contrário, são substancialmente constitutivos da linguística.

O exercício proposto neste capítulo mostra-se fundamental para entender que, mesmo que as dualidades sejam apresentadas pela teoria saussuriana em diversos momentos, não é somente nelas e a partir delas que o sistema se organiza. Pelo contrário, a todo tempo vemos que tais dualidades se engendram no funcionamento da *langue*, não como elementos postos a priori, mas como deslocamentos de um caráter, acima de tudo, relacional.

Dessa maneira, basta pensarmos a teoria saussuriana por um viés dual? Aspectos concretos e abstratos constituem essa ciência; contudo, como vimos ao longo deste capítulo, a ligação entre esses aspectos é fundamental para que possamos verificar uma potência semiótica, representacional, linguística para o signo e, portanto, para a *langue*. Nos propomos, assim, no próximo capítulo, a pensar nessa

potência como um terceiro elemento na constituição da linguística, das duplas aqui dissertadas e, por fim, do significante.

3 TRÊS

Realizada nossa trajetória pelos principais conceitos saussurianos no primeiro capítulo, momento no qual o caráter único dessas noções foi colocado à prova em razão da importante natureza relacional da linguística saussuriana, e pelas dualidades que se apresentam no estudo da linguagem no segundo capítulo, quando nos aprofundamos nesses pares conceituais e em como se dá a relação entre eles, traçamos, para esse capítulo, alguns objetivos; mais precisamente, *três*.

Primeiramente, retomaremos as dualidades já discutidas, mas a partir da perspectiva que prevê a existência de um terceiro elemento nesses pares. Após, discutiremos sobre o arbitrário e como essa noção afeta o signo linguístico, repercutindo assimetricamente sobre ele. Por fim, nos debruçaremos sobre o ponto de chegada desse trabalho, que diz respeito ao aspecto trino do significante, uma proposta de leitura que destaca e descreve os componentes articulatorio, acústico e representacional dessa face do signo linguístico.

3.1 O terceiro nas duplas

Como pudemos perceber a partir das reflexões promovidas no capítulo anterior, os conceitos saussurianos, mesmo em pares, ainda parecem nos convocar a pensar na natureza dessas dualidades e em outras noções linguísticas que as atravessam. Parece-nos que essas relações duais trazem consigo o rastro de um terceiro elemento; ao ser dois, já se é três. Consideremos, portanto, o que há de trino nesses pares.

Iniciaremos essa discussão a partir da dupla produção-percepção que, diante do ponto de vista linguístico, sempre estará atrelada a uma representação simbólica. Pensando na *langue* em uso, falaremos dos eixos sintagmático e associativo e como a relação entre eles evoca a noção de valor no sistema. A seguir, discutiremos a perspectiva pancrônica que emerge da relação entre sincronia e diacronia. Por fim, iremos discorrer acerca da relação entre *langue* e *parole* enquanto noções que pressupõem a linguagem e o estatuto do significante e do significado como faces do signo linguístico.

Estaríamos, então, diante de relações trinitárias nos estudos da linguagem? Dufour (2000) nos ajuda a pensar acerca das trindades constituintes da natureza humana. Segundo o filósofo francês, o binarismo é o produto de um pensamento nascido na Grécia há mais de 2500 anos. Logo, o pensamento trinitário, que se estende desde a religião até a ciência, surge como fruto de diversas atualizações, de novas maneiras de se olhar e de se interpretar as relações.

Ao longo do tempo, houve um certo domínio da binaridade no pensamento científico. O exercício de olhar o objeto sob a perspectiva da trindade se mostra como um novo ponto de vista. Afinal, não se trata de inserir um terceiro elemento em uma relação diádica; ele é intrínseco a essa relação, já está em sua formação. Contudo, esse terceiro só pode emergir quando um olhar para além do binarismo lhe é destinado.

Quanto às ciências da linguagem, Dufour (2000) conjectura que a trindade se mostra como o ponto de vista mais adequado a ser seguido, considerando que “ela se aloja na nossa própria língua” (p. 16). Ao se situar no campo da linguística geral, o filósofo indica que o problema do terceiro como referente é constantemente presente na obra saussuriana e que as tentativas de redução a um formato binário não conseguiram resolver essa questão.

O objetivo na próxima seção deste capítulo, com influência das reflexões de Dufour, está em destinar outro ponto de vista às relações duais já exploradas. Com base nas discussões do segundo capítulo, pensamos que as dualidades que compõem a linguística saussuriana possuem caráter relacional. Direcionaremos, nessa seção, portanto, um olhar atento a esse caráter relacional, buscando entender se as dualidades dos estudos da linguagem bastam-se por si só ou se, como propõe Dufour (2000), a trindade está na base dessas relações.

3.1.1 Produção, percepção e representação

No segundo capítulo, discutimos sobre produção e percepção enquanto componentes fundamentais do fenômeno linguístico. O ouvido, como parte integrante do fenômeno perceptivo, só é capaz de captar os sons e perceber as diferenças fônicas entre eles ao passo que se tenha o apoio material, da produção. Como pontuamos anteriormente, ainda que valor linguístico seja constituído pela percepção de diferenças, “os sons não existiriam sem os órgãos vocais” (Saussure, 1996, p. 15).

Esses dois pontos, portanto, estão em constante dependência para que essa materialidade possa ter um valor linguístico.

Contudo, ao situarmos nossa pesquisa no campo dos estudos da linguagem, de que vale a produção e a percepção sem que um viés simbólico esteja atrelado? A produção e a percepção por si sós fazem parte da *langue*? Pensamos que não. Sendo a *langue* um sistema semiótico, é necessário que uma representação esteja atrelada à materialidade, ou seja, à produção e à percepção. Tomamos por materialidade, portanto, o movimento articulatório/fonação junto ao som produzido/percebido.

Com apoio nas reflexões de Jakobson em *Seis lições sobre som e sentido*, o linguista define fonema como “uma representação acústico-motora que a consciência do sujeito falante está apta a distinguir” (Jakobson, 1977, p. 42). Vemos, aqui, algo muito similar à teoria do valor. Stawinski lê tal definição de Jakobson apontando que o que está em jogo na *langue* é o valor: “É claro que, como aponta Jakobson na passagem selecionada acima, o que está em jogo é o *valor*, entretanto, não cremos ser possível separar o *valor* da percepção do *falante-ouvinte da langue*” (Stawinski, 2020, p. 160).

Retomando a seção 1.1.4 do primeiro capítulo, na qual discorremos acerca dessa noção, ressaltamos a importância das diferenças, das oposições e do aspecto relacional da *langue*. As marcas de valor linguístico formam-se à medida que as oposições e as diferenças entre materialidades são percebidas e alçadas a um estatuto representacional – é dessa maneira que signos podem ter valor e fazer parte da *langue*.

Caso a produção ou a percepção sejam tomadas puramente por seus aspectos materiais, deixamos de nos situar no campo linguístico. Movimentos fonoarticulatórios e/ou vibrações de prega vocal tomados isoladamente não possuem um valor simbólico (é o que conhecemos como “traços distintivos” que, sozinhos, não constituem uma unidade em linguística). Da mesma forma, a detecção auditiva dos efeitos dessa articulação e/ou sonorização também não é capaz de significar linguisticamente. Ambos os aspectos estão, a todo momento, envolvidos pela representação, pela potência semiótica, pela possibilidade de significar em um sistema formal como a *langue*.

Sendo assim, o que pensávamos ser uma dualidade da teoria saussuriana, pode ser visto por um viés trino. Entendemos que, no campo da linguística, os aspectos relacionados à produção e à percepção tornam-se válidos ao serem

considerados junto à representação, pois é dessa maneira que poderemos conceber a *langue* enquanto sistema semiótico de signos providos de valor.

3.1.2 Relações sintagmáticas, associativas e o sistema de valores

Ao discutir as relações sintagmáticas e associativas no segundo capítulo, nos aprofundamos quanto a seus funcionamentos, sendo o eixo sintagmático aquele que evoca as relações em presença e o eixo associativo o que consiste nas relações em ausência. Desde a seção 1.1.4 do primeiro capítulo na qual tratamos da teoria do valor, importante noção saussuriana, já demos indícios de que essas relações são aspectos imprescindíveis na concepção do valor linguístico que, como já reforçamos, é fundamental no sistema da *langue*.

O capítulo do *Curso* dedicado às relações sintagmáticas e associativas inicia da seguinte forma:

Assim, pois, num estado de língua, tudo se baseia em relações; como funcionam elas?

As relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua (Saussure, 1996, p. 142).

Vemos que, desde o início, as relações sintagmáticas e associativas são descritas enquanto “geradoras de certa ordem de valores” e fundamentais para a *langue*. Além disso, mais adiante nesse mesmo capítulo, termos como “discurso”, “cadeia da fala” e “unidade linguística” são evocados, fazendo com que pensemos na *langue* em uso e em como essas relações estão postas juntamente na concepção desse sistema de valores (Saussure, 1996, p. 142-143).

No segundo capítulo dessa dissertação, quando nos dedicamos a caracterizar as relações sintagmáticas e associativas, já se mostrou difícil a tarefa de definir essas relações por elas mesmas, sem que aspectos que dizem respeito do funcionamento da *langue*, como o valor, fossem colocados em evidência.

Entendemos que as relações sintagmáticas e associativas só existem desde que vinculadas à ideia de *langue* que, por sua vez, faz dessas relações um dos

aspectos que a compõe. É a partir desses eixos que os valores dos signos podem ser constituídos: por meio das relações de diferença e de oposição com aquilo que está em presença, assim como com aquilo que está em ausência, um signo pode ter um valor. Uma vez que consideramos a *langue* um sistema de valores, as noções de relações sintagmáticas e associativas e de *langue* estão intimamente ligadas. Mesmo que tentemos conceber essas relações enquanto uma dualidade da teoria saussuriana, vemos que elas estão, a todo tempo, articulando-se em função do valor que constitui *langue* e, dessa maneira, formando uma relação trinitária.

3.1.3 Sincronia, diacronia e o ponto de vista pancrônico

Uma dualidade que ganha destaque quando situamos nossos estudos sob o viés saussuriano diz respeito ao par sincronia e diacronia. Discutimos no segundo capítulo como estes dois pontos de vista operam, em razão da complexidade do objeto da linguística. Tomadas de forma isolada, pensamos que nem sincronia nem diacronia conseguem dar conta da totalidade do fenômeno linguístico – tal separação é útil apenas como um exercício didático para entender as diferenças dessas perspectivas e para determinar o método.

Assim como o questionamento pontuado no *Curso de Linguística Geral*, perguntamos: “numa palavra, não se poderá estudar a língua do ponto de vista pancrônico?” (Saussure, 1996, p. 111). Ao tomarmos a *langue* enquanto sistema de valores, não considerando por essa perspectiva metodológica, as particularidades de cada língua, entendemos que é possível estudar a *langue* sob o aspecto pancrônico (Saussure, 1996).

Sob esse ponto de vista, que dá ênfase ao sistema e não às línguas particulares, consideramos as leis, os princípios gerais da *langue* que “existem independentemente dos fatos concretos” (Saussure, 1996, p. 112). Ou seja, são leis que independem de mudança fonética específica ou de regra própria de uma determinada língua. Afinal, quando casos reais e particulares tornam-se objeto, já não estaríamos diante de uma perspectiva pancrônica.

Defendemos que o ponto de vista pancrônico seja válido e, mais que isso, necessário em exercícios teóricos, como o proposto nesse trabalho. É fundamental que consideremos diacronia e sincronia como fenômenos que afetam o

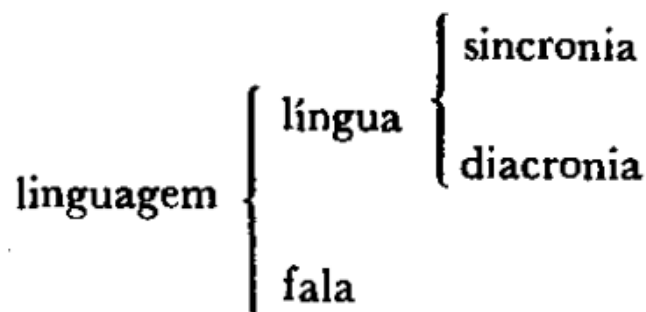
funcionamento da *langue* enquanto sistema. Olhar a teoria saussuriana por meio de um prisma pancrônico, portanto, parece dar conta desse viés duplo. Entendemos, assim, que a dualidade diacronia-sincronia se vê atravessada por essa terceira forma de considerar o fenômeno linguístico, o ponto de vista pancrônico.

3.1.4 *Langue, parole* e linguagem

Outro par analisado anteriormente diz respeito à *langue* e à *parole*. No segundo capítulo, definimos *langue*, a partir da teoria saussuriana, como uma parte determinada e essencial da linguagem e um produto social, sendo caracterizada por um conjunto de convenções adotadas pelos sujeitos falantes. Essas convenções, quando colocadas em exercício individual, dizem respeito à *parole* (Saussure, 1996). Como salientamos na seção destinada a descrever esses fenômenos e a pensar acerca das relações que promovem entre si, percebemos que *langue* e *parole* são dois objetos da linguagem que são interdependentes. Por exemplo, mesmo nos situando mais comumente no terreno da *langue* em estudos como o proposto aqui, diversas vezes é necessário recorrer ao campo da *parole*.

Para além de suas diferenças, sendo *langue* social e *parole* individual, elas são definidas como as duas partes do estudo da linguagem (Saussure, 1996, p. 27). Temos a visualização dessa base comum em esquema presente no *Curso de Linguística Geral*:

Figura 12 – Linguagem, *langue* e *parole*



Fonte: (Saussure, 1996, p. 115)

A linguagem, por sua vez, é definida como “um fenômeno; é o exercício de uma faculdade que existe no homem” (Saussure, 2004, p. 115) e como “multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social” (Saussure, 1996, p. 17). Retomando a discussão do segundo capítulo, a *langue* possui natureza social, enquanto *parole*, individual – e, como vimos, a linguagem abrange essas duas naturezas sendo, inclusive, “impossível conceber um sem o outro” (Saussure, 1996, p. 16).

Essa relação entre linguagem, *langue* e *parole*¹⁶ parece ser ressaltada por Saussure, como vemos nos *Novos Documentos dos Escritos*, quando critica a forma que os estudos linguísticos se davam:

O mal-entendido em que caiu, no início, a escola fundada por F[rantz] Bopp, foi atribuir às línguas um corpo e uma existência imaginários, *fora dos indivíduos falantes* [...] Hoje, vê-se que há *reciprocidade permanente* e que, no ato de linguagem, a língua tem, ao mesmo tempo, sua aplicação e sua fonte única e contínua, e que *a linguagem é, ao mesmo tempo, a aplicação e o gerador contínuo da língua*, [] a reprodução e a produção (Saussure, 2004, p. 115).

Consideramos, portanto, a linguagem como essa faculdade que torna possível conceber um sistema simbólico como a *langue* que, de acordo com as reflexões de Saussure, existe à medida que ganha um estatuto científico com direito a “um corpo e uma existência”, através e “apesar” do sujeito falante. *Langue* e *parole* estão sempre em relação à linguagem, pois é por ela [a linguagem] que se torna possível conceber um sistema simbólico como a *langue* e colocá-lo em exercício por meio da *parole*. Pensamos que não se trata de uma dualidade entre *langue* e *parole*, mas de três elementos que dependem um do outro.

3.1.5 Significante, significado e signo linguístico

Da mesma forma que entendemos não ser possível conceber *langue* e *parole* sem pensar em suas naturezas enquanto dois objetos da linguagem, também não

¹⁶ Aqui cabe recuperar a expressão utilizada por De Mauro na note 68 (Saussure, 2005) ao se referir a esses três conceitos como “trio *langue-parole-langage*”.

vemos como separar significante e significado do signo linguístico; afinal, é ele quem constitui uma unidade que, ao se relacionar com outras, forma esse sistema simbólico.

Como vimos anteriormente, o signo linguístico é definido como uma “coisa dupla, constituída da união de dois termos” (Saussure, 1996, p. 79), sendo eles significante e significado. É interessante apontar que, o título da seção do capítulo *Natureza do signo linguístico* do *Curso*, seção que define esses termos, chama-se *Signo, significado, significante* – desde o princípio, portanto, são apresentados de forma trinitária (Saussure, 1996).

A definição do signo linguístico e dessas duas faces que o compõem suscita, como exposto no *Curso*, “uma importante questão de terminologia” (Saussure, 1996, p. 81). É nesse momento que as oscilações terminológicas, já pontuadas anteriormente nesse trabalho, são discutidas e os termos *signo*, *significante* e *significado* são adotados. Como podemos ver na *note* 128 de Tullio De Mauro (Saussure, 2005), ao final do terceiro curso, mais precisamente durante o mês de maio de 1911, Saussure propõe os termos significante e significado: “Uma melhoria pode ser destinada à estas noções empregando estes termos: significante, significado” (Saussure, 2005, p. 438, tradução nossa¹⁷). De Mauro se pergunta e reflete, portanto, sobre a introdução e o impacto desses termos na teoria saussuriana, que marcam, a nível terminológico,

[...] a autonomia da *langue* enquanto sistema formal, em relação à natureza auditiva ou acústica, conceitual, psicológica ou do objeto das substâncias que ela organiza. Significante e significado são os ‘organizadores’, os ‘discriminantes’ da substância comunicada e da substância comunicante (Saussure, 2005, p. 438, tradução nossa¹⁸).

Entendemos que essas reflexões parecem tangenciar aspectos epistemológicos da linguística; a separação e a descrição desses elementos ocorrem para que, metodologicamente, possamos dar mais consistência à teoria linguística.

¹⁷ No original: “Une amélioration peut être apportée à ces formules [celles de la leçon du 2 mai] en employant ces termes: *signifiant, signifié*” (SAUSSURE, 2005, p. 438).

¹⁸ No original: “L’autonomie de la langue, comme système formel, par rapport à la nature auditive ou acoustique, conceptuelle, psychologique ou d’objet des substances qu’elle organise. *Signifiant* et *signifié* sont les “organisateur”, les “discriminants” de la substance communiquée et de la substance communicante” (SAUSSURE, 2005, p. 438).

Separar significante e significado pode ser interpretado como um exercício metodológico.

Ainda na seção que signo, significante e significado são definidos, temos:

A ambiguidade [terminológica] desapareceria se designássemos as **três noções** aqui presentes por nomes que se relacionem entre si, ao mesmo tempo que se opõem. Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*; estes dois termos tem a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total que fazem parte (Saussure, 1996, p. 81, grifo nosso em negrito).

É dessa maneira que as *três noções* são nomeadas – uma fazendo referência imediata às outras e tecendo suas relações enquanto noções que são interdependentes. O que valem significante ou significado se não nessa relação que forma o signo linguístico? Em sua concepção, significante e significado são necessários e existem de forma recíproca, pois ambos fazem parte do signo. Entendemos que, ao considerar um desses elementos, sempre há uma relação trinitária: significante e significado se constituem enquanto entidades linguísticas uma vez que compõem o signo.

3.2 Assimetria do signo linguístico

Ao tratarmos da materialidade que compõe o signo e que se atrela a aspectos abstratos necessários na concepção do significante enquanto porção com valor linguístico, damos lugar à discussão acerca do arbitrário e como essa noção afeta o elo entre significante e significado, repercutindo desproporcionalmente no signo linguístico.

De acordo com as reflexões de Badir (2017), influenciado por Amacker (1975), o princípio da arbitrariedade é revisado por Saussure de forma extremamente particular em seus cursos e se torna um conceito original e central de sua teoria da linguagem. Até os estudos e as contribuições de Saussure, essa noção era referida de maneira vacilante. A partir do linguista genebrino, o arbitrário passa a ter um alcance ainda não visto, tornando-se um dos princípios linguísticos de sua teoria.

Ao recuperar as notas dos alunos do terceiro curso de Saussure, sabemos, com base no estudo de Badir (2017), que o advérbio *radicalmente* – excluído da edição comercial do *Curso* – foi utilizado na definição do arbitrário: o laço que une o significante ao significado é *radicalmente* arbitrário. O linguista aponta que a importância do arbitrário na teoria saussuriana é revelada pelo uso do termo *radicalmente*, ao caracterizar esse elo que une o significante ao significado. Dessa forma, o uso do termo poderia estar fazendo referência ao sentido de fundação, de concepção: o laço que une o significante ao significado é *fundamentalmente* arbitrário. À medida que o vínculo é arbitrário, os elementos presentes nessa relação também podem ser descritos com tal característica.

O arbitrário mostra-se basilar no desenvolvimento da teoria saussuriana ao passo que é o princípio que se opõe a uma visão tradicional da linguagem, a uma visão de língua como nomenclatura. Badir (2017) pontua que essa visão surgiu a partir da caracterização de conceitos linguísticos com base em qualidades positivas, por influência de outras áreas; por exemplo, quando há a busca por razões físicas, filosóficas ou psicológicas para justificar a relação significado-significante. Ao tomar um ponto de vista não-linguístico, poderíamos entrar no terreno da língua como nomenclatura.

Contudo, pensamos que não seja esse o caminho que Saussure propõe seguir em seus estudos linguísticos; isso é evidenciado principalmente por conta do conceito de arbitrário. Para construir esse raciocínio, pensemos na natureza negativa das entidades da *langue*. Saussure (2004), no manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem*, aponta que, por mais novas ou revolucionárias que sejam as ideias, elas sempre serão classificadas no sistema de acordo com os signos já existentes. Mesmo que se queira corresponder um significante específico a um significado, isso não é permitido pela *langue*. A ideia de “dar nome às coisas” parece não se sustentar à medida que percebemos as relações opostas e negativas que se estabelecem entre os signos e que os sujeitos falantes não possuem nenhum controle acerca das unidades que constituem suas línguas. O valor dos “novos signos” sempre será realinhado por meio da relação com os demais. Ribeiro (2019) salienta que “é justamente pelo arbitrário, seja ele relativo ou absoluto, que a *langue* se mantém como tal” (p. 42), referindo-se à tendência à imutabilidade do sistema. Ainda que os sujeitos falantes possam criar associações entre significantes e significados, isso não quer dizer que essas mudanças farão parte do sistema, tendo em vista que a convenção

social é um dos fatores de apoio para o funcionamento do mecanismo da *langue* (Ribeiro, 2019). O fenômeno da analogia, a ser discutido posteriormente nessa seção, também auxiliará nessa reflexão. A partir disso, podemos encarar a teoria saussuriana como uma nova perspectiva à linguística, que passa a ter uma semiologia particular ao deixar de conceber língua enquanto nomenclatura (Badir, 2017).

Na busca por aprofundamento em relação ao arbitrário, seguindo nos estudos de Badir (2017), nos deparamos com uma alteração da imagem do signo linguístico mais disseminada, presente no *Curso de Linguística Geral*. Nessa imagem, temos uma dupla orientação das setas que representam o elo entre significante e significado.

Figura 13 – Signo linguístico



Fonte: (Saussure, 1996, p. 133)

Contudo, as notas dos alunos de Saussure mostram outro dado: todas elas corroboram que há apenas uma seta. Há uma única orientação que aponta do significante ao significado. Segundo Badir (2017), esse é um forte argumento contra a suposta simetria do signo linguístico, e diante disso, pensa-se na orientação assimétrica do arbitrário. Alguns outros pontos, também expostos pelo *Curso*, reúnem-se na formação dessa hipótese.

Na seção do capítulo *Natureza do signo linguístico* destinada a discutir o arbitrário, ele é caracterizado como o laço que une o significante ao significado; não o contrário. “O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um

significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário” (Saussure, 1996, p. 81). O significante é arbitrário em relação ao significado.

É importante ressaltar, como já pontuamos anteriormente neste trabalho e como Badir (2017) reforça em seu estudo, que Saussure oscilava terminologicamente em relação ao significante, tendo o nomeado como signo por algum tempo. Sendo assim, quando disse que o signo é arbitrário, poderíamos ter a ideia de que é o significante que carrega essa característica. De qualquer forma, a partir da citação acima, que corrobora a ideia recuperada das notas dos alunos de Saussure, o arbitrário mostra-se em uma relação orientada.

Com esse aprofundamento teórico acerca da noção de arbitrário, mostra-se, inclusive, difícil vê-lo como um conceito simétrico; alguns pontos da teoria apontam para diversos argumentos a favor dessa orientação não-simétrica. Por exemplo, como já exploramos no segundo capítulo, a partir do manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem*, temos que o dualismo da linguagem está no fenômeno vocal como tal e como signo. Essa questão mostra uma maior preocupação de Saussure em relação à porção significante do signo, enquanto o significado era considerado uma noção a ser explorada pela psicologia ou pela filosofia (Badir, 2017). Ao longo de sua trajetória, Saussure mostrou, repetidamente, a relevância dos estudos sobre a porção do signo linguístico que carrega a materialidade. Seu interesse pelas soantes indo-europeias e pelos estudos da sílaba, por exemplo, revelam um pesquisador atento aos fatos fônicos. Albano Leoni (2022b) ressalta que esse interesse já é apontado pelo *Apêndice de Fonologia no Curso de Linguística Geral*, no qual conhecemos as considerações de Saussure sobre as questões da definição do fonema e da primazia do aspecto acústico.

Ao estudarmos as noções de arbitrário e de valor, percebemos que tal primazia do significante é compreendida pelos mais conhecidos princípios saussurianos. Como já exposto no primeiro capítulo deste trabalho, a noção de arbitrário mostra duas formas de funcionamento: o arbitrário absoluto e o relativo, sendo o primeiro referente aos signos que são linguisticamente imotivados e o segundo aos que mostram uma relação linguística explícita com outros signos e, em especial, com outros significantes. Em *dezenove*, por exemplo, evocamos *dez* e *nove* – há uma motivação linguística na formação do signo. Sendo assim, parece ser via significante que encontramos pistas acerca de como o princípio da arbitrariedade opera, principalmente se considerarmos o arbitrário relativo. Haveria, aqui, um dado de

assimetria: a radicalidade do arbitrário cede espaço ao significante, fazendo com que novas formas surjam a partir do fenômeno da analogia¹⁹ (Saussure, 1996).

A partir da *Segunda Conferência na Universidade de Genebra*, pensamos acerca do fenômeno da analogia na teoria saussuriana:

Há, de um lado, a mudança fonética e, de outro lado, a mudança que recebeu diversos nomes sendo que nenhum é excelente, mas dos quais o mais usado é mudança *analógica*. [...] Pode-se opor, sob diversos pontos de vista, esses dois grandes fatores de renovação linguística, dizendo, por exemplo, que o primeiro representa o lado fisiológico e físico da fala enquanto o segundo corresponde ao lado psicológico e mental do mesmo ato [...] opõe-se, também, com frequência, essas duas ordens de fatos, dizendo que uma diz respeito aos sons e a outra às formas gramaticais, o que não é uma ideia clara porque as formas da língua nada mais são do que os sons, mas pode-se dizer que uma ataca a forma pelo lado do som e a outra ataca pelo lado da ideia; pode-se dizer, também, que uma representa operações puramente mecânicas, ou seja, em que não se pode descobrir nem objetivo nem intenção e, a outra, operações inteligentes, em que é possível descobrir um objetivo e um sentido (Saussure, 2004, p. 139).

Percebemos que se trata de dois movimentos: mudanças fonéticas e mudanças analógicas; um parece dizer respeito à materialidade do significante, descrito como fisiológico e físico, enquanto o segundo parece ser integrado pelos aspectos abstratos dessa mesma porção. Consideramos, portanto, que as mudanças ocorrem na produção, na percepção e na representação desses sons da *langue*. Dessa forma, entendemos que o fenômeno da analogia se dá pelo enlace dos deslocamentos que ocorrem do lado do significante linguístico que, pelo seu elo arbitrário em relação ao significado, poderá formar esses novos signos.

A partir das reflexões de Badir (2017) e de Ribeiro (2019), assim como pelo resgate de passagens do *Curso* e dos *Escritos*, nossa hipótese do aspecto trino do significante ganha maior sustentação: por nossa leitura, o signo linguístico pode ser considerado como assimétrico, havendo uma dilatação da porção significante que, por sua vez, carrega o significado. Nessa dilatação do significante estariam implicados três aspectos diferentes: o articulatório, o acústico e o representacional e, a partir

¹⁹ É importante ressaltar que esses dois pontos da teoria saussuriana – o arbitrário relativo e o fenômeno da analogia – são tratados em capítulos diferentes do *Curso*. A discussão acerca do arbitrário é iniciada no capítulo *Natureza do signo linguístico*, ao tratar dos princípios gerais. Após, temos a diferenciação quanto aos graus de arbitrário no capítulo *Mecanismo da língua*, na parte do *Curso* dedicada à linguística sincrônica. O fenômeno da analogia é tratado no quarto capítulo da parte referente à linguística diacrônica. A partir da leitura do *Curso* e do entendimento de que essas noções se relacionam e se cruzam, conseguimos trazê-las entremeadas nessa dissertação.

deles, as mudanças analógicas são possíveis e os graus de arbitrário, refletidos. Percebe-se, portanto, que esse cenário apontado por Badir (2017), que vê o signo como assimétrico, pode subsidiar a hipótese de trabalho da presente pesquisa.

3.3 O aspecto trino do significante

As reflexões desenvolvidas até aqui nos dão a base necessária para sustentar a hipótese de uma leitura trina para o significante linguístico – o que nomeamos de aspecto trino do significante. Ao nos aprofundar na bibliografia saussuriana explorada neste trabalho, que abrange o *Curso de Linguística Geral*, os *Escritos de Linguística Geral* e as notas de Tullio de Mauro, algumas passagens nos chamaram a atenção, fazendo com que essa hipótese de uma leitura trina fosse sendo construída. Além disso, os trabalhos de Badir (2017), Marchese (2022) e Albano Leoni (2022b), importantes pesquisadores do aspecto fônico da *langue* pelo viés da teoria saussuriana, fazem com que nossa pergunta de pesquisa seja atualizada a partir dos avanços teóricos desses leitores.

Primeiramente, ao retomarmos as reflexões que promovemos acerca da natureza do significante, é importante reforçar que essa face do signo linguístico é formada tanto por aspectos concretos quanto abstratos. E é justamente nessa característica do significante que seus três aspectos podem ser identificados. Recuperemos citação já vista anteriormente, no segundo capítulo, ao dissertarmos sobre a natureza do significante:

O termo de imagem acústica parecerá, talvez, muito estreito, pois, ao lado da *representação dos sons* de uma palavra, existe também a de sua *articulação*, a imagem muscular do *ato fonatório*. [...] A imagem acústica é, por excelência, a *representação* natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala. O *aspecto motor* pode, então, ficar subentendido ou, em todo caso, não ocupar mais que um lugar subordinado em relação à *imagem acústica* (Saussure, 1996, p. 80).

Nessa passagem do *Curso de Linguística Geral*, alguns pontos chamam nossa atenção. Como já tratamos nos capítulos anteriores, o significante engloba o som para além de seu aspecto material, sendo uma entidade psíquica. Essa característica faz-

se explícita na citação apresentada ao colocar a *representação* dos sons como parte da imagem acústica, ou seja, do significante.

Já sabemos que a materialidade também é imprescindível na natureza do significante; o aspecto concreto é necessário para que exista significante e, por consequência, signo linguístico. Dessa forma, o significante forma-se por psíquico e material, por abstrato e concreto. Contudo, nessa materialidade são identificados dois aspectos diferentes. Na citação acima, os termos *articulação*, *ato fonatório*, *imagem acústica* e *aspecto motor* nos chamam a atenção. Temos, aqui, materialidades de diferentes naturezas: aquela que diz respeito à articulação, aos movimentos musculares necessários para a realização fonatória de um som; e aquela que diz respeito à acústica, à onda sonora que é percebida pelo ouvido.

Marchese (2022), ao estudar o tema das soantes presente nos manuscritos saussurianos *Mémoire, Théorie des sonantes e Phonétique*²⁰, considera essas duas faces da materialidade do significante. É interessante ressaltar que, segundo a pesquisadora, Saussure se apoia na fonologia para refletir sobre os sons que formam a *langue* e sobre a característica dual do aspecto concreto: de um lado, a sensação acústica e, de outro, o fenômeno articulatorio. Tal aspecto é evidenciado em passagem do manuscrito *Phonétique*, traduzido no artigo em questão: “a definição fisiológica de uma coisa como o fonema é uma definição teórica oriunda da observação comparada do *fato acústico com o fato fisiológico* obtida por via empírica, nosso conhecimento do fato acústico sendo inteiramente empírico” (Saussure, 1995, *apud* Marchese, 2022, p. 155, grifo nosso). Há, portanto, uma dualidade ao olharmos, ainda, apenas para face material do fonema²¹, para o aspecto concreto. Albano Leoni

²⁰ Em relação a essas fontes autográficas saussurianas, o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* é o trabalho de conclusão do mestrado de Saussure, de 1878, cursado na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Atualmente, o material está disponível em *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, organizado por Charles Bally e Léopold Gautier em 1922 (Milano *et al*, 2022). O *Théorie des Sonantes*, depositado na *Bibliothèque Publique de Genève* sob curadoria de Maria Pia Marchese desde 2002, é um trabalho no qual Saussure realiza uma crítica à obra de J. Schimidt, *Kritik der Sonantentheorie*, realizando observações sobre sonante, sílaba e acento (Milano *et al*, 2022). O *Phonétique* é manuscrito de Saussure depositado na Houghton Library da University of Harvard composto por cinco cadernos que datam entre 1883-1885 (Marchese, 2022), sendo um manuscrito saussuriano que aborda especificamente o tema do aspecto fônico da *langue* (Milano, 2018).

²¹ O uso do fonema nessa discussão nos ajuda, em um exercício didático, a “esvaziar” o signo de uma significação, fazendo com que as noções de valor e do arbitrário possam ser vistas de forma mais nítida. De acordo com Albano Leoni (2022b), o fonema, quando tomado pelo viés saussuriano, “é, portanto, desmontado, esvaziado, reduzido a espécie, a princípio de classificação metalinguístico” (p. 193). É importante salientar que, analisando as fontes saussurianas, nota-se que a concepção de fonema enquanto unidade linguística tem algumas oscilações (Milano, 2016). As noções atuais acerca da fonologia são posteriores às contribuições de Saussure. Milano (2016), em estudo que investiga o

(2022b) também reforça que o fonema é uma unidade que se constrói a partir de pressupostos de natureza articulatória e acústica. Em nota crítica, Tullio De Mauro aponta para esses dois fatores, tendo em vista que o ato fonatório tem dois lados, sendo o articulatório referente à boca e à laringe, e o acústico ao ouvido (Saussure, 2005, *note* 113).

Ainda utilizando o terreno da fonologia para exemplificar a natureza do significante, no *Curso de Linguística Geral*, temos que “o fonema é a soma das impressões *acústicas* e dos *movimentos articulatórios*, da unidade *ouvida* e da unidade *falada*, uma condicionando a outra” (Saussure, 1996, p. 51, grifo nosso). Essa dualidade acerca da definição de fonema, como reforça Marchese (2022), refere-se à “caracterização acústica e articulatória de um elemento material” (p. 155).

De volta ao *Curso*, as diferentes naturezas dos elementos que compõem a *langue* são explicitadas na análise do esquema elaborado referente ao circuito da *parole*:

Esta análise não pretende ser completa; poder-se-iam distinguir ainda: a *sensação acústica pura*, a identificação desta sensação com a *imagem acústica* latente, a *imagem muscular da fonação* etc. Não levamos em conta senão os elementos julgados essenciais; mas nossa figura permite distinguir sem dificuldade as partes *físicas* (ondas sonoras) das *fisiológicas* (*fonação* e *audição*) e *psíquicas* (*imagens verbais* e *conceitos*). De fato, é fundamental observar que a imagem verbal não se confunde com o próprio som e que é psíquica, do mesmo modo que o conceito que lhe está associado (Saussure, 1996, p. 20, grifo nosso).

A partir dessa citação, podemos perceber a multiplicidade de fatores que fazem parte da *langue* via circuito da *parole*. Temos a *sensação acústica*, no sentido físico do som que é captado pelo ouvido; a *imagem acústica*, quando essa sensação implica fatores representacionais; a *imagem muscular da fonação*, fazendo referência à ideação e à realização dos movimentos fonoarticulatórios necessários na produção do som. Além disso, esses fatores são classificados em físicos, fisiológicos e psíquicos. E, nesse momento, é importante salientar que o significante se decompõe nessas três naturezas. Como parte física, as ondas sonoras são elencadas e, sendo a partir delas que o significante se propagará, podemos dizer que ele é de natureza

estatuto do fonema no pensamento saussuriano, entende que, diante de sua consideração enquanto unidade linguística, é necessário que ele seja concreto e abstrato ao mesmo tempo, assim como seja tomado em seu aspecto sistêmico e representativo.

física. Como parte fisiológica, temos fonação e audição, fatores que também integram o significante, sendo por esses processos que os sons serão produzidos e captados. O significante, portanto, também é de natureza fisiológica.

Contudo, é importante lembrar que ao definirmos o significante, entendemos que ele não equivale à porção material do signo, mas à impressão psíquica desse som – uma representação, uma imagem sensorial. Como parte psíquica, temos imagens verbais e conceitos. Não há dúvida de que conceito se refere ao significado; e imagem verbal, ao significante. Ambas as faces do signo linguístico são de natureza psíquica – ainda que pareça que o significado seja “mais” abstrato, por não contar com a materialidade presente no significante. O significante se forma, portanto, a partir de elementos de três naturezas diferentes.

A característica de ser concreta e abstrata, faz com que a face significante, ganhe destaque nessa discussão, ao passo que vemos Saussure, mais uma vez por meio do olhar voltado para o comportamento dos sons das línguas, considerando o fonema em seu sentido concreto (acústico e articulatório) e sua função abstrata enquanto elemento com valor distintivo. Eis um recorte do que se pode encontrar no manuscrito *Phonétique*:

Quando falamos em cadeia fonética, vem sempre à mente algo concreto. Quando falamos de um fonema isolado, podemos ouvi-lo *de maneira concreta ou de maneira abstrata*. Concreta, caso seja concebido como algo que ocupa um espaço de tempo. Abstrata, caso tratemos somente dos caracteres distintivos, e se os classificamos. Tudo o que supõe sucessão [Aí, nem início, nem fim, nem fase: isso se traduziria imediatamente em subespécie (classificação). *O fonema na classificação é uma ideia abstrata. O fonema na cadeia fonética é uma ideia concreta.* (a cadeia pode se reduzir a um só fonema). Seguida e erroneamente, imaginamos o fonema isolado como sendo equivalente a fonema abstrato (Saussure, 1995, *apud* Marchese, 2022, p. 156, grifo nosso)²².

Em nota da edição crítica do *Cours de Linguistique Générale*, Tullio de Mauro recupera a noção de fonema concebida por B. de Courtenay (1845-1929) como uma representação psíquica abstrata de sons linguísticos; noção que reverbera nos

²² Utilizamos para essa reflexão a tradução da passagem original presente no manuscrito *Phonétique* publicada em Marchese (2022).

estudos do Círculo Linguístico de Praga (1926)²³. Saussure não se afasta dessa noção à medida que concebe o fonema como elemento puramente diferencial e opositivo, como um puro esquema formal desprovido de qualquer conformação fônica positiva (Saussure, 2005, *note* 111). No apêndice *Princípios de Fonologia do Curso*, Milano (2016) destaca que as referências ao fonema se relacionam ao aspecto perceptivo das diferenças entre os sons e ao caráter linear da cadeia da *parole*. Sendo assim, o caráter distintivo e a ênfase à percepção do fonema são ressaltados. No capítulo do valor, a noção de fonema é considerada a partir de uma proposta que Saussure nomeia como “fonologia combinatória”, na qual “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (Saussure, 1996, p. 138).

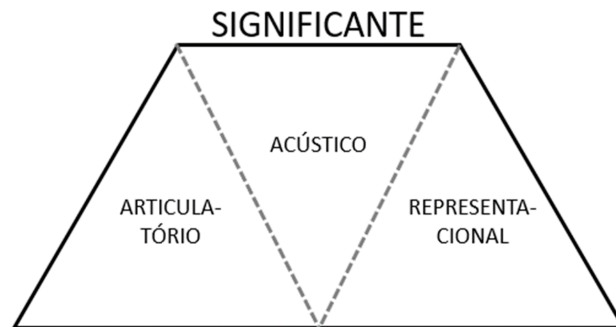
Outro aspecto que merece destaque na nota de Tullio de Mauro diz respeito ao cuidado que Saussure tinha na utilização do termo *fônico* em suas aulas, evitando utilizá-lo como sinônimo de significante (Saussure, 2005, *note* 111). Tal fato aponta para essa múltipla natureza do significante e, principalmente, para seu caráter psíquico. De acordo com De Mauro, poderíamos acreditar que Saussure concebeu o significante como “uma abstração (fônico-)acústica, como um conjunto de elementos comuns a diversas (realizações-)percepções”²⁴ (Saussure, 2005, p. 434, tradução nossa).

No significante, observam-se, portanto, aspectos abstratos, que se referem à potência semiótica da *langue* – o que chamaremos de aspecto representacional; e aspectos concretos, que se referem à materialidade necessária no mecanismo da *langue-parole*, englobando os movimentos fonoarticulatórios e as ondas sonoras – o que chamaremos de aspectos articulatório e acústico. É dessa maneira que vislumbramos o aspecto trino do significante.

²³ Courtenay foi um filólogo e foneticista polonês que fundou a Fonologia moderna em 1899. Seguindo seus passos, ao redor da década de 1920, a distinção entre fonética e fonologia é sistematizada pelos integrantes do Círculo Linguístico de Praga (1926), incluindo Trubetzkoy (1890-1938) e Jakobson (1896-1982) (Garay, 2016).

²⁴ No original: “[...] on a pu croire d’autant plus facilement qu’il concevait le signifiant comme abstraction (phonico-)acoustique, comme ensemble des éléments comuns à plusieurs (realisations-)perceptions.” (Saussure, 2005, p. 434).

Figura 14 – Aspecto trino do significante



A seguir, aprofundaremos cada um desses aspectos que compõem o significante linguístico, apresentando algumas citações que apontam para este caráter desde o *Curso de Linguística Geral*, além de trazer discussões atuais, como a noção de escuta por Stawinski (2016) e de fonema por Albano Leoni (2022b). Outras fontes saussurianas, como os *Escritos de Linguística Geral* e a edição crítica de Tullio de Mauro também serão utilizadas como alicerce teórico deste trabalho.

3.3.1 Aspecto articulatório

Se fossemos simplificar o aspecto articulatório, diríamos que ele se refere à produção da materialidade do signo e mostra-se indispensável para a existência de uma possível representação. Tal afirmação não parece ser muito complexa ou questionável. Contudo, algumas particularidades desse aspecto mostram-se pertinentes nas reflexões sobre o funcionamento da *langue*, tendo em vista que a materialidade é obrigatória para concepção de qualquer sistema linguístico.

Saussure se propôs a discutir acerca da materialidade da *langue*, no que tange, em diversos momentos, o que estamos nomeando de aspecto articulatório do significante. No *Curso de Linguística Geral*, o papel dessa face do significante é revelado em algumas passagens. Primeiramente, é importante salientar que, nesse trabalho, utilizamos termos como articulatório, fonoarticulatório, *parole* etc. por estarmos trabalhando com conceitos já descritos pela linguística saussuriana. Dessa forma, nossa terminologia acaba por evocar expressões que remetem ao som. Contudo, podemos considerar qualquer tipo de materialidade linguística; essa reflexão

pode ser tangenciada ao campo das línguas visuoespaciais, colocando os sinais gestuais em evidência²⁵, ou à escrita, na qual o aspecto articulatório se apresenta no recurso gráfico. Sobre essa materialidade, é apontado, ainda no *Curso*, que “é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua” (Saussure, 1996, p. 17).

A ideia do aspecto articulatório enquanto instrumento da *langue* é interessante, tendo em vista que ele acaba se caracterizando como o meio absolutamente necessário pelo qual representações e valores linguísticos provindos da percepção de diferenças/distintividades são possíveis. Retomando a noção do valor linguístico constituído por relações e diferenças entre termos da *langue*, o que importa quanto à parte material do signo não é o som ou a articulação em si mesma, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir esse significante de todos os outros. O aspecto articulatório torna possível a emergência da função distintiva das diferenças fônicas (Albano Leoni, 2022b).

Sendo assim, como já exploramos anteriormente e tendo em vista o viés saussuriano, em nada nos é relevante tomar o aspecto articulatório por si só:

Mas sem dúvida, não vemos muito bem de que serviriam os *movimentos fonatórios* se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os *movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica*, em nada se esclareceu o problema da língua. Esta é um sistema baseado na oposição psíquica dessas impressões acústicas, da mesma forma como uma tapeçaria é uma obra de arte produzida pela oposição visual entre fios de cores diversas; ora, o que importa para a análise é o jogo dessas oposições, não os *procedimentos através dos quais* as cores foram obtidas (Saussure, 1996, p. 43, grifo nosso).

Com base nessa citação, fica evidente o caráter “instrumental” do aspecto articulatório do significante. Podemos usar como exemplo o caso dos alofones, quando há uma diferença de produção que não repercute em oposição de valor. A articulação [‘mar] ou [‘maX] para *mar*, mesmo que possuam um fone completamente distinto do outro, não interferem em mudança de valor para esse signo, sendo [r] uma vibrante alveolar e [X] uma fricativa velar. Na perspectiva por meio da qual vemos o aspecto articulatório do significante, a fricativa em questão é tomada como fonema

²⁵ Como proposto por Frydrych em sua dissertação (2013), trabalho no qual discute o estatuto linguístico das línguas de sinais com base na linguística saussuriana, e em sua tese (2020), na qual delinea uma concepção linguística de gestualidade sob a mesma linha teórica, guiando a discussão principalmente pelo manuscrito *Sobre a Essência Dupla da Linguagem*.

que realiza uma marca de produção que será percebida, contrastada e alçada a uma representação simbólica.

Entendemos que as diferenças materiais presentes no aspecto articulatório do significante são fundamentais para o recorte da unidade e para o valor linguístico. Sendo assim, vemos um caráter secundário na descrição pormenorizada dos pontos, modos e traços de sonoridade caso esses aspectos não reverberem em diferenças de representação. Tomamos o aspecto articulatório, portanto, como aquele que atua na *langue* a serviço do ponto de vista semiótico.

3.3.2 Aspecto acústico

O aspecto acústico diz respeito à percepção do aspecto articulatório do significante²⁶, e, a partir dessa perspectiva, alguns pontos merecem destaque. No primeiro capítulo, quando discorremos sobre o signo linguístico e a noção de valor, deixamos um rastro acerca da importância do aspecto acústico para o recorte da unidade. Retomando, sem a impressão acústica não é possível saber “onde um som termina e outro se inicia” (Saussure, 1996, p. 50). Dessa forma, é pela a escuta do efeito causado pelo aspecto articulatório – o que nomeamos de aspecto acústico – que as unidades linguísticas poderão ser recortadas e, assim, ter valor no sistema.

Essa importância é destacada no *Curso de Linguística Geral*, em meio ao apêndice *Princípios de Fonologia*:

Muitos fonologistas se aplicam quase exclusivamente ao ato de fonação, vale dizer, à produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca, etc.), e negligenciam o *lado acústico*. Esse método não é correto: não somente a *impressão produzida no ouvido* nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também é ela a *base de toda teoria* (Saussure, 1996, p. 49, grifo nosso).

A partir dessa citação percebemos que há um grande destaque em relação à percepção, ao aspecto acústico do significante, sendo ele a *base de toda teoria* – afinal, a delimitação dos sons da cadeia falada e, conseqüentemente, dos signos, será possível apenas por meio da impressão acústica causada pela percepção dos efeitos

²⁶ É importante salientar para a possibilidade de o aspecto articulatório ser de natureza visual, gráfica, multimodal, etc., como exposto anteriormente.

causados pelo aspecto articulatório. É a classificação da unidade como tendo “um pé em cada cadeia” (Saussure, 1996, p. 51) – um no acústico, um no articulatório.

Tendo o aspecto acústico essa relevância, os estudos em relação à noção de escuta ganham destaque. Segundo Stawinski (2016), é a partir da escuta que fatores distintivos relacionais de oposição e de negação podem ser percebidos e, assim, o valor estabelecido. A noção de escuta que consideramos nesse trabalho diz respeito à proposta de Stawinski (2020) que vê a escuta como função linguística. Por essa perspectiva, a escuta é composta de aspectos concretos e abstratos, pois depende de uma materialidade passível de ser percebida ao mesmo tempo que a ultrapassa para que se torne compreensível. Sendo assim, Stawinski define escuta como “uma ação provocada pela percepção de uma materialidade fônica ou visual, que possibilita a delimitação de unidades linguísticas” (Stawinski, 2020, p. 172). Dessa forma, a escuta possui papel ativo na linguagem – e isso só é possível por meio do aspecto acústico do significante.

Ao direcionarmos nosso olhar ao aspecto acústico, acrescentamos a impressão acústica causada no ouvido à materialidade já considerada no aspecto articulatório do significante. Como já discorremos anteriormente, o articulatório é indispensável para a existência da *langue-parole*; não podemos avançar em nossas hipóteses sem considerá-lo. Contudo, ao detalharmos o estudo sobre o aspecto acústico, questões para além da pura materialidade se fazem presentes. Em nota, De Mauro ressalta que o lado acústico se refere ao ouvido e à imagem psíquica do som, apresentando uma dualidade. Esses dois aspectos que constituem o acústico confirmam-se pela hipótese das transcrições – se a percepção fosse puramente fisiológica, as transcrições seriam inequívocas (Saussure, 2005, *note* 113). O ouvido, se tomado como algo que envolve propriedades puramente fisiológicas, não é capaz de perceber objetivamente as divisões e realizar o recorte das unidades necessárias na identificação dos signos e seus respectivos valores linguísticos²⁷.

O aspecto acústico está na dependência do efeito que o som suscita; ele está na escuta, que, por sua vez, é fator primordial na constituição de valor. A cadeia fônica, construída pelo aspecto articulatório, é linear, ou seja, apresenta-se como uma tira contínua (Saussure, 1996). Somente pela constatação dessa “linha” não seria

²⁷ Programas de transcrição fonética reconhecidos cientificamente, tais como CLAN e Phon, operam com um recorte das unidades mediado pelos sujeitos falantes que, desde sua posição de escuta da *langue-parole*, realizam tais recortes.

possível realizar o recorte das unidades, e essa materialidade da *langue-parole* nada representaria. A distinção desses elementos, portanto, depende do aspecto acústico. É por meio dele que um som pode ser identificado e associado ao aspecto representacional – a ser discutido a seguir.

3.3.3 Aspecto representacional

Em diversas seções deste trabalho, destacamos a caracterização do significante como um elemento que não se define apenas por aspectos concretos – a abstração faz parte de sua natureza e, como veremos, é ela que assegura o estatuto linguístico do significante. No *Curso de Linguística Geral*, ao caracterizar o signo linguístico, está dado que “os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos (...)” (Saussure, 1996, p. 79). Como já vimos anteriormente, o significado está no plano psíquico; ele é de natureza totalmente abstrata. Mas afinal, o que caracteriza o significante como psíquico?

No *Curso*, o caráter psíquico é descrito da seguinte forma:

O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos *falar conosco ou recitar mentalmente* um poema. E porque as palavras da língua são para nós *imagens acústicas*, cumpre evitar falar dos “fonemas” de que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da *imagem interior no discurso* (Saussure, 1996, p. 80, grifo nosso).

Com base na citação acima, podemos perceber que o caráter psíquico traz à tona termos como falar “mentalmente”, “imagem acústica” e “imagem interior”, assim como “imagem verbal”, se recuperarmos a citação da página 77 deste trabalho. Em comum, essas noções apontam para a qualidade psíquica que se manifesta a partir da materialidade a ponto de conseguir se desprender dela em alguns momentos, como na virtualidade da *langue*.

Uma passagem do capítulo sobre o valor linguístico no *Curso de Linguística Geral* reforça essa característica:

(...) Isso é ainda mais verdadeiro no que respeita ao significante linguístico; em sua essência, *este não é de modo algum fônico; é incorpóreo*, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas *diferenças* que separam sua imagem acústica de todas as outras (Saussure, 1996, p. 138, grifo nosso).

Como já vimos anteriormente, o valor linguístico é conferido aos signos a partir das diferenças. Há, obviamente, uma discriminação material entre significantes. Contudo, eles precisam ser alçados a uma representação simbólica, linguística, para poderem significar na *langue* – um coeficiente articulatorio ou acústico não pode ser linguístico sem que o fator de representação esteja imbricado.

Mostra-se, assim, o aspecto representacional do significante. Ele se caracteriza pela abstração da produção e da percepção sonoras, pela representação dos aspectos articulatorio e acústico. O aspecto representacional é o fato semiótico por excelência que, por sua vez, é condição fundamental para a noção de valor e para a existência da *langue*.

Os elementos materiais – articulatorio e acústico – são considerados, como Albano Leoni (2022b) reforça em estudo sobre Saussure e a concepção de fonema, com um “objetivo linguístico”. A leitura fonética só se sustenta linguisticamente a partir de uma abordagem fonológica, mediada pelas noções de arbitrário e de valor linguístico, que, por sua vez, depende das relações internas do sistema. Movimentos articulatorios, como implosão e explosão, possuem um sentido real ao se relacionarem com as demais unidades na cadeia fônica (Albano Leoni, 2022b). Fora desse ponto de vista, temos a pura materialidade, que, de natureza distinta, não conseguiria juntar-se ao significado na formação do signo linguístico (figura vocal como tal, conforme o manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem*). As características articulatorias e acústicas dos elementos podem gerar um valor funcional uma vez que deslocam configurações abstratas (Albano Leoni, 2022b). O significante perde seu caráter de forma pura para assumir um caráter de abstração fonética (Saussure, 2005, *note* 115).

Dessa forma, o aspecto representacional está na potência semiótica resultante das relações de diferença e de oposição, de presença e de ausência, possibilitadas pelos aspectos articulatorio e acústico.

3.4 Encaminhamentos

A partir da trajetória construída nesse capítulo, podemos pensar acerca de alguns deslocamentos da teoria saussuriana. Em um primeiro momento, é importante ressaltar para a proposta de destinar um ponto de vista que coloca a trindade em evidência. Pudemos perceber que, desde fontes amplamente conhecidas, como o *Curso* e os *Escritos*, existem pistas de que as noções saussurianas parecem não se sustentar nem pela via do *uno*, nem por um viés *dual*. O caráter relacional dos estudos da linguagem convoca a ampliar nossos olhares para como as noções se constituem e como elas estão amarradas por uma linha coesa. Produção e percepção tornam-se linguísticas à medida que são alçadas à representação; relações sintagmáticas e associativas mostram-se como meio de constituição de um sistema de valores; sincronia e diacronia, sendo ambas necessárias para a compreensão do objeto e método, criam um ponto de vista pancrônico; *langue* e *parole* caracterizam-se como duas partes solidárias e complementares da linguagem; e significante e significado sendo componentes do signo linguístico relevam essa perspectiva trinitária que pode ser desdobrada a partir dos estudos da linguagem.

Em um segundo momento, as reflexões em relação ao arbitrário e seu impacto no signo linguístico mostraram-se relevantes. Pensamos que a noção do arbitrário na teoria saussuriana possui um papel ímpar: é a partir dela que se torna possível enxergar a *langue* como sistema e desfazer a ideia de língua como nomenclatura. Além disso, sendo o significante essa parte do signo linguístico que compreende aspectos concretos e abstratos e que parece promover esse elo arbitrário assimétrico em relação ao significado, o vemos como uma possível porção dilatada dentro do signo linguístico – evidenciando mais uma relação trinitária.

Por fim, o aspecto trino do significante foi apresentado como uma proposta fundamentada em reflexões a partir da teoria saussuriana. À vista disso, o significante pode ser considerado em seus três aspectos - o articulatório, o acústico e o representacional. Como construímos ao longo desse trabalho, pensamos, tal qual Albano Leoni (2022b), que:

[...] as porções da cadeia fônica em que Saussure está verdadeiramente interessado, os *articuli* de que ele fala ou aos quais alude, sobre os quais constrói as categorias, essas sim incontroversas, da bifacialidade, da

arbitrariedade radical, da natureza negativa, diferencial e relativa das unidades, são sempre unidades semiológicas [...] (Albano Leoni, 2022b, p. 206).

Ao considerarmos o rastro do som em Saussure e lidarmos com a relação entre aspectos materiais e semiológicos, entre amparo material e potência semiótica, entendemos que a ideia de que o significante possa ser visto sob o ponto de vista trino ganha sustentação.

Com esse aprofundamento, percebemos a relevância e a complexidade da porção significante, sendo uma noção que clama ativamente por outras, como o arbitrário. Caso fosse tomado como pura porção fônica, na qual apenas os aspectos articulatorio e acústico estivessem presentes, o elo arbitrário não seria possível. Nos parece que é justamente pela presença do aspecto representacional que esse elo é possível: o significante como pura materialidade não conseguiria se unir ao significado, como pura abstração. Dessa forma, a representação atua como potência semiótica, como garantia de que o arbitrário poderá agir e, isto posto, haverá sustentação para o significado. O aspecto trino do significante, portanto, parece se mostrar como uma perspectiva para análise do fônico na *langue* sob um viés saussuriano, dando lugar ao *fenômeno vocal como signo* e o considerando a partir de importantes noções da teoria, como o arbitrário e o valor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa promovida nos últimos dois anos, envolvendo aulas, leituras e discussões que culminaram na escrita desta dissertação, reflete a importância do aspecto fônico em Saussure em minha trajetória e a perspectiva pela qual optamos por considerá-lo. Nesse trabalho, realizei um mergulho teórico na linguística saussuriana a partir de uma inquietação em relação ao aspecto fônico da *langue* e os diferentes domínios que fazem parte de sua natureza.

Considerando o aspecto trino do significante como um deslocamento teórico, percebemos que muitas noções saussurianas foram mobilizadas à medida que íamos elaborando essa possibilidade de leitura. No primeiro capítulo, ao discorrer sobre unidade, signo linguístico, arbitrário e teoria do valor, nos situamos no campo da linguística saussuriana e apresentamos esses conceitos fundamentais para o seguimento e avanço das nossas hipóteses. No segundo capítulo, continuamos a sedimentar as discussões acerca de importantes concepções saussurianas habitualmente apresentadas em pares: produção e percepção, relações sintagmáticas e associativas, sincronia e diacronia, *langue* e *parole* e significante e significado. Esse capítulo nos auxiliou a seguir um aprofundamento nesses conceitos, mas também a perceber e começar a entender uma característica que parece permear toda a teoria: o ponto de vista triádico. No último capítulo, portanto, destinamos aos pares uma perspectiva que considera um terceiro elemento em cada caso, fazendo com que a complexidade trina de relações intrínseca à teoria saussuriana fosse revelada.

Após, chegamos, enfim, à construção do aspecto trino do significante, disparada, inicialmente, por meio da discussão acerca da assimetria do signo linguístico e da orientação única do arbitrário. Por essa dilatação do significante, podemos refletir sobre o que o compõe, chegando à nossa hipótese: aspectos articulatórios, acústicos e representacionais. Na construção do aspecto trino do significante, então, acabamos por retomar os conceitos trabalhados nos primeiros dois capítulos, à medida que as questões em torno do arbitrário e da teoria do valor retornaram à discussão do terceiro. O aspecto trino do significante, diretamente afetado pela orientação do arbitrário, que reflete na assimetria do signo linguístico, faz com que as relações de oposição sejam possíveis e, dessa forma, o valor linguístico

concebido. Nos parece que podemos, portanto, entender que o aspecto trino do significante faz parte da *langue-parole*.

A partir das reflexões desenvolvidas neste trabalho, principalmente considerando nosso ponto de chegada, o aspecto trino do significante, pensamos em deslocamentos possíveis para esse achado de pesquisa. Formam-se, assim, novas possibilidades para o seguimento deste estudo. Um primeiro caminho a ser desenvolvido diz respeito ao maior aprofundamento teórico das hipóteses aqui construídas pela exploração tanto do chamado circuito da *parole*, como de outras fontes saussurianas. Primeiramente, quanto ao circuito da *parole*, pensamos que o aspecto trino do significante pode, ainda em âmbito teórico, ser tangenciado ao cenário da *langue* em uso. Em razão do trabalho aqui presente ter o objetivo de esboçar, embasar e conceber esse olhar trino ao significante, nossas reflexões miraram em fundamentá-lo teoricamente, evocando as principais noções saussurianas que dão sustento ao conceito de *langue*: o arbitrário e o valor. Todavia, pensamos que, por meio da análise do circuito da *parole* sob a perspectiva do aspecto trino do significante, algumas questões possam ser desdobradas ao colocar essa reflexão posta no circuito.

Outro caminho que se abre a partir desse trabalho e que também se relaciona a um maior aprofundamento na teoria saussuriana diz respeito à exploração de outras fontes saussurianas. Milano *et al* (2022) realizaram um levantamento acerca do conjunto das fontes saussurianas existentes com o objetivo de auxiliar o pesquisador brasileiro. As pesquisadoras salientam que há uma heterogeneidade de fontes, contando com muitos documentos que foram classificados em “1. publicações em vida; 2. publicações disponíveis em língua portuguesa; 3. edições complementares ao *Cours*; 4. manuscritos autográficos editados; 5. publicações sobre léxico e terminologia; 6. cartas e biografia.” (Milano *et al*, 2022, p. 164). Pensando no recorte que fazemos para essa pesquisa, dando mais atenção ao significante, algumas fontes nos chamam atenção para maior aprofundamento. O trabalho de Saussure para a conclusão de seu mestrado, *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indoeuropéennes*, de 1878, como também aponta Marchese (2022), mostra-se uma importante fonte saussuriana que coloca o aspecto fônico em evidência, tratando do tema das soantes ligado aos estudos da sílaba e do acento, assim como já pode se ver Saussure refletindo acerca da noção de sistema como organização sistemática dos fatos linguísticos (Marchese, 2022).

Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure mostra-se como mais uma fonte que possui um grande potencial para o aprofundamento deste trabalho. Esse material, organizado por Robert Godel e publicado em 1957, reúne os manuscritos saussurianos que deram origem ao *Curso*, assim como diversos manuscritos de ex-alunos de Saussure (Milano *et al*, 2022).

Nessa mesma esfera, pensamos que possa ser interessante a análise da edição crítica de Rudolf Engler do *Cours de Linguistique Générale*, de 1967-1974. Essa edição, publicada em dois tomos, apresenta seis colunas: a primeira reproduzindo o *Curso*; da segunda a quinta, os cadernos de alunos de Saussure; e a sexta, as anotações do próprio Ferdinand de Saussure (Milano *et al*, 2022). O estudo dessa obra pode permitir, portanto, a comparação entre anotações dos alunos, assim como o conhecimento acerca de notas redigidas pelo próprio Saussure.

Da categoria de manuscritos autográficos editados, pensamos que *Phonétique – Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMS Fr 266 (8)*, primeiramente divulgada em 1993 por Herman Parret, possa contribuir às futuras reflexões, tendo em vista que aborda noções que tangenciam a ideia de fonema, a fonética articulatória, a sílaba indo-europeia e as sonantes (Milano *et al*, 2022). A última versão, de Marchese (1995), curadora desse material, conta com uma descrição do texto original, na qual a pesquisadora aponta rasuras, apagamentos, notas e outras observações feitas por Saussure. Elencamos, portanto, essas quatro fontes principais como possibilidades de aprofundamento teórico acerca do aspecto trino do significante, tendo em vista que evidenciam a questão do fônico na teoria saussuriana.

Um segundo rumo que pensamos ser relevante refere-se aos deslocamentos quanto ao aspecto trino do significante, relacionando essa noção com a outras áreas, como a literatura, a clínica de linguagem e a fronteira entre línguas, e proporcionando o diálogo com trabalhos do grupo de pesquisa *O rastro do som em Saussure*, que discutem, entre outros temas, voz e escuta.

Quanto ao campo da literatura, os estudos de Stevanin (2022), por exemplo, acerca da leitura em voz alta, e os de Silveira (2020), que dialogam com a função poética da linguagem por Jakobson, podem ajudar a pensar no fônico na *langue* em uso e, dessa forma, deslocar o aspecto trino do significante para esses contextos, colocando-o “à prova”. A partir desses trabalhos, podemos pensar nos aspectos

articulatório, acústico e representacional no cenário de leitura em voz alta²⁸, no qual há o efeito da voz e da escuta, e na criação literária, pela qual a escolha dos signos e do efeito sonoro que se quer transmitir está em pauta.

Um outro caminho que se abre – e que é constantemente considerado por mim – é em relação à clínica de linguagem, ambiente no qual o aspecto fônico da *langue* vê-se numa posição privilegiada. Em minha prática clínica como fonoaudióloga, o olhar ao aspecto trino do significante atrelado à forma pela qual entendo a *langue*, a *parole* e a linguagem tornou-se parte da minha escuta e das intervenções necessárias nesse cenário. Não tracei como objetivo do presente trabalho me debruçar sobre as repercussões em ambiente clínico proporcionadas pelas reflexões aqui tecidas; e nem tenho a intenção de me aprofundar teoricamente sobre o tema nesse momento. Contudo, por vivenciar diariamente a clínica de linguagem, esse deslocamento já está dado – mesmo que seja involuntariamente. Dessa forma, penso que um aprofundamento teórico que relacione o aspecto trino do significante e a prática clínica fonoaudiológica mostra-se interessante – uma vez que o sujeito falante se coloca sob efeito da *langue* e da *parole* e que sintomas de linguagem aparecem, pensamos que o aspecto trino possa auxiliar o fonoaudiólogo a entender por onde esse sintoma passa de maneira mais contundente e a refletir sobre formas de dilatar os aspectos articulatório, acústico e/ou representacional a fim de mobilizar esse sintoma. Nesse sentido, poderíamos avançar a noção de sintoma desenvolvida por Milano Surreaux (2006). É uma via (já aberta) que se mostra como um caminho possível.

Nessa mesma esfera, o trabalho do fonoaudiólogo ou do professor na fronteira entre línguas também parece poder ser pensado através do prisma trino. Como pontuado nas considerações que abrem esse trabalho, o aspecto trino do significante surgiu justamente nesse cenário. A partir do meu trabalho de conclusão de curso (Riter, 2019a), como finalização da graduação em fonoaudiologia, assim como a partir do trabalho apresentado no XXXI Salão de Iniciação Científica da UFRGS (Riter, 2019b) – trabalhos nos quais anuncio o aspecto trino do significante – a busca pelo aprofundamento teórico se fez necessária. E, dessa maneira, surgiu o projeto da presente dissertação. Contudo, a influência que a prática em laboratório de fonética

²⁸ Alguns trabalhos que tratam do tema da leitura em voz alta são o de Milano (2017b), no qual o aspecto fônico da *langue* ganha destaque a partir da experiência de leitura do romance *Grande sertão: veredas*, e a obra coletiva *Leitura em Voz Alta Compartilhada*, lançada em 2023, que conta com estudos, relatos e depoimentos que são efeito da vivência da leitura em voz alta (Milano, 2023).

teve na elaboração dessa hipótese segue latente. Entendo que, ao delinear os objetivos para esse trabalho, deslocamentos práticos não se mostraram cabíveis. Penso, então, que há um seguimento a ser feito em um trabalho futuro que se volte, de uma perspectiva mais madura e aprofundada, aos efeitos do aspecto trino na fronteira entre línguas.

O aspecto trino do significante, que se desenvolve de forma mais precisa e aprofundada nesta dissertação, representa meu percurso enquanto pesquisadora até esse momento e traz novas possibilidades para o futuro, tanto na academia, quanto na prática clínica. Como exposto nessas considerações, ainda há muito o que ser explorado quanto a seu lugar na teoria saussuriana e nos deslocamentos propostos. Contudo, esse trabalho passa a sustentar um ponto de vista já intrínseco a nossos olhares de que, na teoria saussuriana, parafraseando Dufour (2000), para ser *um*, se é *dois* e, ao ser dois, já se é *três*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO LEONI, Federico. DE MAURO, Tullio. **ReVEL**, edição especial, v. 20, n. 19, p. 61-80, 2022a.
- ALBANO LEONI, Federico. Saussure, a sílaba e o fonema. **ReVEL**, edição especial, v. 20, n. 19, p. 186-211, 2022b.
- BADIR, Sémir. Is the arbitrary symmetrical? **Semiotica**, v. 2017, n. 217, p. 97-115, 2017.
- DUFOUR, Dany Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FIGUEIREDO, Camila Pilotto. Valor e significação/sentido: entrelaçamentos e efeitos na teoria saussuriana. **Caderno Estudos Linguísticos e Literários**, v. 11, n. 1, p. 116-130, 2023.
- FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. **O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2013.
- FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. **A essência dupla da linguagem: materialidade gestual em questão**. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2020.
- GARAY, Rodrigo Garcia. **O fonema: linguística e história**. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.
- GOMES DA SILVA, Denise Lima. Benveniste-Saussure: para além da ordem do dois? **ReVEL**, v. 9, n. 16, p. 86-111, 2011.
- JAKOBSON, Roman. *Seis Lições sobre Som e Sentido*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
- MARCHESE, Maria Pia. Os manuscritos saussurianos sobre a fonética, do *Mémoire* ao CLG. **ReVEL**, edição especial, v. 20, n. 19, p. 145-160, 2022.
- MILANO SURREAUX, Luiza. **Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem**. 2006. 202 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2006.
- MILANO, Luiza. O que cabe em um signo linguístico: o caso do fonema. **Eutomia**, v. 17, n. 1, p. 67-78, 2016.

MILANO, Luiza. Le statut du phonique dans le CLG. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 70, p. 85-100, 2017a.

MILANO, Luiza. O sertão em voz alta. **Signo**, v. 42, n. 64, p. 76-83, 2017b.

MILANO, Luiza. Saussure e o aspecto fônico da língua. **D.E.L.T.A.**, v. 34, n. 3, p. 891-908, 2018.

MILANO, Luiza. *A duplessência da linguagem: afinal, de que duplo se trata? In: SILVEIRA, Eliane; HENRIQUES, Stefania Montes (org.). Saussure: manuscritos, aulas e publicações*. Uberlândia: EDUFU, 2022. p. 61-77.

MILANO, Luiza; STAWINSKI, Aline Vargas; FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel; OTTARAN, Elisa Devit. Salum após meio século: uma apresentação das fontes saussurianas ao leitor brasileiro. **ReVEL**, edição especial, v. 20, n. 19, p. 161-185, 2022.

MILANO, Luiza (org). *Leitura em Voz Alta Compartilhada*. Porto Alegre: Zouk, 2023. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/cu4sasf7ny2yhhn/PDF%20-%20Leitura%20em%20voz%20alta%20compartilhada.pdf?dl=1>. Acesso em: 6 nov. 2023.

RIBEIRO, Joana de Quadros. **“A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”**: uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2019.

RITER, Carolina da Silveira. **O lugar do fônico na fronteira entre línguas: contribuições linguísticas sob um viés saussuriano**. 2019a. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Fonoaudiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Odontologia, Porto Alegre, 2019a.

RITER, Carolina da Silveira. **O aspecto trino do significante: do arbitrário ao valor**. In: **XXXI Salão de Iniciação Científica da UFRGS**, nº 31, 2019b, Porto Alegre. Resumo de trabalho apresentado, 2019b.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Science du langage. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. De Saussure 372. Éditions critique partielle mais raisonné et augmentée des Écrits de linguistique générale, établie par René Amacker*. Genebra: Droz, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale: édition critique préparée par Tullio de Mauro*. Paris: Payot, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1996.

SILVEIRA, Mélyny Dias da. **Entre linguística e poesia: dos anagramas de Ferdinand de Saussure à função poética da linguagem**. 2020. 85 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2020.

SOFIA, Estanislao. Quelle est la date exacte de publication du CLG? **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v. 69, p. 9-16, 2016.

STAWINSKI, Aline Vargas. **O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana**. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

STAWINSKI, Aline Vargas. O “som” como figura vocal e o “som” como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. **Leitura**, Maceió, v. 1, n. 62, p. 69-85, 2019.

STAWINSKI, Aline Vargas. **À escuta da *langue-parole*: considerações a partir da teoria saussuriana**. 2020. 186 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2020.

STEVANIN, Augusto. **A voz e a palavra viva na leitura em voz alta compartilhada, notas d’um leitor**. 2022. 99 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2022.